



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KEILA CERQUEIRA CARNEIRO

**A LEITURA COMO FERRAMENTA DE SUPORTE EMOCIONAL PARA
CRIANÇAS INTERNADAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR EDGARD SANTOS
(HUPES)**

Salvador-BA
2024

KEILA CERQUEIRA CARNEIRO

**A LEITURA COMO FERRAMENTA DE SUPORTE EMOCIONAL PARA
CRIANÇAS INTERNADAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR EDGARD SANTOS
(HUPES)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia apresentado à Universidade Federal da Bahia – UFBA.

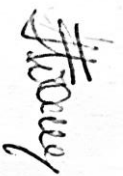
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alessandra Santana Soares E Barros

Salvador-BA
2024

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 14 dias de fevereiro de 2025, às 10 horas, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, foi realizada na sala virtual <https://conferenciaweb.rnp.br/sala/alessandra-santana-soares-e-barros> a apresentação do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da graduanda **Keila Cerqueira Carneiro** perante a Banca Avaliadora composta pelos(as) professores(as): LEILA DA FRANCA SOARES, LUCIANA RODRIGUES BRASIL PALHETA GOMES e por mim, ALESSANDRA SANTANA SOARES E BARROS professor(a)-orientador(a) do Trabalho de Conclusão do Curso intitulado A LEITURA COMO FERRAMENTA DE SUPORTE EMOCIONAL PARA CRIANÇAS INTERNADAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR EDGARD SANTOS (HUPES) Após a apresentação, a Banca Avaliadora divulgou os seus pareceres avaliando o referido trabalho monográfico, concluindo que o mesmo foi APROVADO com média 9 (nove). E nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e eu lavrei a presente Ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos seguintes interessados: orientador(a), orientando(a) e Professores(as) avaliadores(as).

Salvador, 14 de fevereiro de 2025



Keila C. Carneiro



Luciana R. B. P. Gomes

KEILA CERQUEIRA CARNEIRO

**A LEITURA COMO FERRAMENTA DE SUPORTE EMOCIONAL PARA
CRIANÇAS INTERNADAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR EDGARD SANTOS
(HUPES)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado: em 14 de fevereiro de 2025

Banca examinadora:

Alessandra Santana Soares e Barros (Orientadora)

Doutora em Ciências Sociais – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Leila da Franca Soares

Doutora em Educação – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Luciana Rodrigues Brasil Palheta Gomes

Mestre em Educação - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

A Deus, por ser minha força e luz em todos os momentos. À minha família, especialmente aos meus pais e à minha irmã, pelo apoio incondicional e amor. Aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado, e em especial às crianças do HUPES, cuja presença iluminou minha jornada de forma única e inspiradora. Ao meu clube do livro, pela troca de conhecimentos e amizades. A todos que fizeram parte dessa caminhada, meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dessa jornada, encontrei apoio, inspiração e força em tantas pessoas que merecem meu mais sincero agradecimento. Primeiramente, Deus, por sempre estar ao meu lado, iluminando meu caminho em cada passo. Agradeço aos meus pais e à minha irmã, que sempre estiveram presentes, me oferecendo carinho e suporte nos momentos de dúvida e me incentivando a seguir em frente com confiança. Agradeço também a minha família e os amigos, que se tornaram verdadeiros pilares ao longo dessa trajetória, oferecendo apoio emocional e motivacional a cada desafio superado.

Dalila e Amanda, obrigada por me ouvirem durante horas, dia após dia, acompanhando minhas angústias, incertezas e falas intermináveis sobre o TCC. Sem a paciência e o apoio de vocês, não sei como teria enfrentado esse processo. Agradeço à Lara, ao Theo, à Aline, à Cecília e à Luma, que, com sua amizade, estiveram ao meu lado, me apoiando e proporcionando momentos de leveza e compreensão durante essa jornada.

Obrigada, meu clube do livro, por ter sido essencial em minha jornada literária, oferecendo não apenas as melhores leituras, mas também momentos de reflexão, troca e novas viagens através dos livros. Cada encontro se transforma em uma oportunidade de crescimento, aprendizado e descoberta, e sou grata por cada momento compartilhado com essa maravilhosa comunidade.

Agradeço também às minhas primas Pamela, Priscila, Nadclecia e Nadclei, que fizeram parte da minha caminhada como leitora, estudante e amiga. Sempre me incentivaram e se mostraram presentes em cada conquista.

Um agradecimento especial à professora Alessandra, que me ajudou a desenvolver e abraçar com amor esse tema. Seu apoio foi fundamental e a chance de unir minhas duas grandes paixões - as crianças e a leitura - foi uma oportunidade única. Professora Luciana Brasil, por sempre estar disponível para tirar dúvidas, orientar e oferecer sugestões com carinho e dedicação no HUPES, muito obrigada

Sou grata a Mauricio de Souza, cujas histórias me acompanharam desde a infância, quando eu lia os gibis da Turma da Mônica com tanto encantamento. Suas

narrativas sempre trouxeram alegria, reflexão e aprendizado, especialmente nos momentos mais difíceis. Ele mostrou que o encantamento da leitura nunca desaparece, e que, com seus personagens, sempre há uma nova forma de nos conectar com o mundo, não importa a idade.

Agradeço de coração a todos os autores que com suas palavras e criatividade me permitiram viajar por mundos novos e me ensinaram o verdadeiro poder da leitura. A arte da escrita e da leitura transforma vidas e sou eternamente grata a cada autor que com seu talento contribui para o desenvolvimento de nossa imaginação e entendimento.

Carneiro, Keila Cerqueira. **A leitura como ferramenta de suporte emocional para crianças internadas: um relato de experiência no Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES)**: um relato de experiência no Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES) 2024. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

Este trabalho aborda a importância da leitura no contexto hospitalar e seu impacto no bem-estar emocional e cognitivo de crianças internadas. Este relato de experiência foi conduzido por meio de observações e relatos de atividades realizadas nas classes hospitalares com o objetivo de investigar como a literatura contribui para o desenvolvimento educacional e emocional das crianças em tratamento hospitalar. A metodologia incluiu leituras bibliográficas e legislativas e análise de práticas de leitura realizadas com as crianças internadas. Foram observados depoimentos de crianças, responsáveis e estagiários, que evidenciaram a importância desses momentos de leitura para a criação de um ambiente acolhedor e para a redução do estresse emocional. Os resultados indicam que a leitura é uma prática educativa que exerce papel afetivo e proporciona momentos de prazer, alegria e identificação. Conclui-se que a leitura no ambiente hospitalar favorece a continuidade do desenvolvimento cognitivo das crianças e atua como uma ferramenta terapêutica, auxiliando na redução da ansiedade e proporcionando um ambiente mais humanizado. A ludicidade e o acolhimento emocional garantidos pelas práticas de leitura são fundamentais para promover o bem-estar integral das crianças durante a hospitalização, assegurando que, mesmo em momentos difíceis, elas possam continuar a aprender, se expressar e se conectar com o mundo.

Palavras-chave: Leitura. Crianças. Educação hospitalar.

ABSTRACT

This study examines the role of reading in hospital settings and its impact on the emotional and cognitive well-being of hospitalized children. Through observations and experiential reports from hospital classrooms, the research investigates how literature contributes to the educational and emotional development of children undergoing treatment. The methodology includes bibliographic and legislative analysis, as well as an evaluation of reading practices with hospitalized children. Testimonies from children, caregivers, and interns highlight the importance of reading moments in creating a welcoming environment and alleviating emotional stress. The findings indicate that reading transcends its educational purpose, serving as a therapeutic tool that provides comfort, joy, and opportunities for personal connection. The study concludes that reading practices in hospital contexts not only support cognitive continuity but also foster a more humanized environment, promoting emotional well-being and enabling children to learn, express themselves, and stay connected to the world even during hospitalization.

Keywords: Reading. Children. Hospital education.

LISTA DE SIGLAS

CH - Classe Hospitalar

CNE – Conselho Nacional de Educação

COMHUPES – Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos

CONSED – Conselho Nacional de Secretários da Educação

EBSERH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

HUPES – Hospital Universitário Professor Edgard Santos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

OMS – Organização Mundial de Saúde

UCA – Unidade da Criança e do Adolescente

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2. LEGISLAÇÃO DA CLASSE HOSPITALAR E A LEITURA	15
3. A IMPORTÂNCIA DAS CLASSES HOSPITALARES	19
4. CONHECENDO A CLASSE HOSPITALAR E O HOSPITAL DAS CLÍNICAS (HUPES)	23
5. A LEITURA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA	27
6.METODOLOGIA	31
7. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA CLASSE HOSPITALAR: ABORDAGENS, ESTRATÉGIAS E PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES	36
8.CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	52

INTRODUÇÃO

Durante minha graduação em Pedagogia, tive a oportunidade de estudar diversas áreas do conhecimento, com ênfase especial na Pedagogia Hospitalar. Esse campo me proporcionou compreender profundamente a importância do papel do pedagogo em contextos que iam além da sala de aula tradicional, especialmente em ambientes hospitalares.

A proposta do pedagogo em uma classe hospitalar era dar continuidade às atividades escolares de crianças e adolescentes, da educação infantil ao ensino fundamental, que ficavam internados por um longo período. A classe hospitalar busca recuperar a socialização desses jovens e crianças por um processo de inclusão, dando continuidade à sua aprendizagem, surgindo, então, um processo educativo que propunha aos educadores novos desafios e possibilidades de construção de novos conhecimentos e atitudes (Matos, 2005).

Esse processo educativo destacado por Matos (2005) vai além da simples continuidade das atividades escolares. Ao garantir a aprendizagem, a classe hospitalar desempenha um papel fundamental na recuperação da socialização das crianças e adolescentes internados, permitindo-lhes a participação em um ambiente de interação e pertencimento.

O pedagogo, neste contexto, enfrenta o desafio de adaptar suas estratégias às limitações do ambiente hospitalar, ao mesmo tempo em que busca fomentar não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o emocional e social das crianças. Esse equilíbrio entre a educação formal e o apoio afetivo é crucial para o bem-estar dos pacientes, contribuindo para que sua hospitalização não seja um obstáculo ao seu crescimento e à sua inclusão social.

Minha participação no IV Encontro Baiano sobre Atendimento Escolar em Ambiente Hospitalar e Domiciliar foi uma experiência marcante, que aprofundou meu interesse e compreensão sobre a pedagogia hospitalar e a leitura. Durante o seminário, tive a oportunidade de participar de mesas de discussão, trocar experiências com outras pedagogas hospitalares e compartilhar desafios e soluções encontrados no cotidiano das instituições de saúde. O encontro proporcionou um ambiente dinâmico de aprendizado, ampliando minha visão sobre as necessidades educacionais e emocionais das crianças hospitalizadas e sobre como os educadores

poderiam contribuir de forma significativa para minimizar os impactos da internação no desenvolvimento infantil.

Essas vivências reforçaram minha percepção sobre como os longos períodos de internação afetavam profundamente os processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A troca de ideias sobre os desafios da pedagogia hospitalar me levou a refletir especialmente sobre o impacto da leitura nesse contexto, já que a rotina escolar era interrompida e substituída pelo ambiente hospitalar. Nesse cenário, a leitura se apresentava não apenas como um meio de aprendizado, mas também como uma importante ferramenta terapêutica para manter o desenvolvimento educacional e emocional das crianças e jovens afastados da escola e do contato social.

A prática da leitura oferecia mais do que um simples aprendizado; ela também proporcionava alívio emocional e uma conexão com o mundo exterior, ajudando a combater o isolamento causado pela internação. Além disso, a leitura atuava como uma forma de escapismo, permitindo que as crianças se distanciassem temporariamente das dificuldades enfrentadas no hospital. Nesse processo, elas continuavam desenvolvendo habilidades cognitivas, emocionais e sociais essenciais para sua recuperação. Esse efeito se potencializava quando era acompanhado por educadores que compreendiam as necessidades específicas dos alunos e utilizavam a leitura de maneira terapêutica, promovendo o bem-estar e a recuperação emocional durante a hospitalização.

Tive um profundo envolvimento com a leitura e a escrita, considerando-as essenciais para o desenvolvimento humano. Em minha experiência pessoal, a leitura se apresentou como uma forma de terapia. Durante minha internação em 2024, a leitura desempenhou um papel significativo em manter meu equilíbrio emocional. Ela se tornou uma válvula de escape, proporcionando momentos de reflexão, descontração e alívio em meio ao contexto hospitalar. Essa vivência reforçou minha crença de que a leitura poderia ser uma poderosa ferramenta terapêutica, capaz de aliviar o estresse, proporcionar distração e até auxiliar na reinterpretação da experiência da doença.

Esse interesse surgiu a partir da observação dos benefícios que a leitura poderia trazer no contexto hospitalar, não apenas como uma estratégia para manter

o aprendizado escolar, mas também como um recurso fundamental para promover o bem-estar emocional das crianças durante o processo de hospitalização.

Com base na minha experiência pessoal e no crescente interesse em integrar Pedagogia Hospitalar e leitura terapêutica, este estudo buscou aprofundar a compreensão sobre o uso da leitura como ferramenta de suporte emocional para crianças hospitalizadas. No Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES), tive a oportunidade de observar como a leitura atuava como uma estratégia para aliviar o estresse, oferecer conforto emocional e criar um ambiente seguro para que crianças enfrentassem os desafios da internação, conectando-se com o mundo exterior e ressignificando suas vivências.

Essa experiência despertou uma reflexão profunda sobre os impactos físicos e psicológicos da hospitalização, que interrompia não apenas a rotina escolar, mas também afetava o desenvolvimento emocional e social das crianças. Nesse contexto, a leitura não se limitava ao aprendizado formal, mas assumia um papel terapêutico ao proporcionar momentos de acolhimento, esperança e imaginação. Por meio das histórias e narrativas, era possível reduzir sentimentos de medo e solidão, fortalecendo a resiliência e ajudando as crianças a enfrentarem o ambiente hospitalar com leveza.

A partir dessa perspectiva, surgiu a questão-problema que orientou este trabalho: De que maneira a leitura influencia o bem-estar emocional de crianças internadas no Hospital Universitário Professor Edgard Santos? A resposta a essa questão justifica-se pela necessidade de investigar como a prática da leitura poderia contribuir para a recuperação emocional e educacional dessas crianças, oferecendo suporte durante um período tão delicado.

O objetivo geral deste estudo foi compreender a influência da leitura no bem-estar emocional de crianças internadas, com foco na classe hospitalar do Hospital Universitário (HU). Para atingir esse objetivo, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

Mapear os livros disponíveis na classe hospitalar do HU;

Identificar os impactos emocionais da leitura em crianças hospitalizadas, analisando como histórias e narrativas influenciam o humor, o bem-estar emocional e a experiência durante a hospitalização.

Ouvir as percepções de estudantes e profissionais sobre a importância da leitura no contexto hospitalar por meio de entrevistas e formulários.

A intervenção adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada nos métodos de Minayo (2016) e de Bogdan e Biklen (apud Lüdke e André, 1986), e foi desenvolvida em etapas: revisão bibliográfica, visitas ao Hospital das Clínicas, mapeamento e análise dos recursos de leitura, observação participante das sessões de leitura e aplicação de formulário a estudantes e profissionais da classe hospitalar. O registro dos resultados foi organizado em um diário de campo, visando uma análise interpretativa dos dados coletados.

A justificativa para este estudo encontrou respaldo em documentos normativos, como a Constituição Federal de 1988, que assegura o direito à educação para todos, e a Lei 13.716/2018, que garante atendimento educacional especializado para crianças impossibilitadas de frequentar a escola por motivos de saúde. Além disso, diretrizes do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) fortaleceram a importância da continuidade educacional em contextos hospitalares.

Este estudo pretendeu contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a leitura como recurso terapêutico e pedagógico em ambientes hospitalares, oferecendo subsídios que possam enriquecer as práticas educativas e favorecer o bem-estar emocional das crianças internadas. A literatura, nesse contexto, se apresentou como uma ferramenta poderosa que auxilia não apenas no enfrentamento do sofrimento emocional, mas também na manutenção da saúde mental e no desenvolvimento educacional das crianças.

2. LEGISLAÇÃO DA CLASSE HOSPITALAR E A LEITURA

A legislação educacional brasileira, representada pela Lei 9.394/96, assegura o direito à educação para todas as crianças, incluindo aquelas que, devido a problemas de saúde, estão hospitalizadas ou em regime domiciliar. Esse direito é reforçado pela Lei 13.716, de 24 de setembro de 2018, que estabelece em seu Artigo 4º-A:

É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (Brasil, 2018).

Esse trecho do documento reafirma o compromisso com o acesso à educação, garantindo que nenhuma criança seja privada do aprendizado, independentemente de sua condição de saúde. Considera-se o atendimento pedagógico hospitalar uma extensão do direito à educação adaptado para oferecer às crianças hospitalizadas a continuidade de seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Nesse contexto, o Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos (HUPES), da Universidade Federal da Bahia, destaca-se como um espaço de ensino, cuidado e assistência que atende crianças de diversas regiões da Bahia. Por meio de suas iniciativas pedagógicas, o hospital oferece atividades que vão além do cuidado médico, incluindo oficinas voltadas para a saúde bucal, leitura, atividades recreativas e apoio pedagógico. Essas práticas refletem o compromisso do hospital com uma abordagem mais ampla e integrada, que alia saúde e educação.

Kanemoto (2020) ilustra a importância de iniciativas educacionais no ambiente hospitalar ao abordar o impacto emocional da exclusão escolar nas crianças hospitalizadas:

Imagine... Sentir-se à margem, não pertencer a nenhum grupo, não acreditar na própria capacidade. Imagine-se incapaz de acreditar que possui um futuro a ser construído. É exatamente dessa forma que se sente uma criança a quem são negadas as chances de escolarização. Imagine-se que alguém lhe peça para interromper por vários meses a sua vida e retomá-la depois de algum tempo. É exatamente dessa forma que se sente uma criança gravemente (Kanemoto, 2020, p. [s.p.]

Kanemoto (2020) destaca que, ao ser afastada de sua realidade escolar e inserida no novo e desafiador contexto do hospital, a criança enfrenta uma ruptura significativa não apenas em sua educação, mas também em sua conexão com o mundo que conhece e no qual se sente pertencente. Nesse sentido, a pedagogia

hospitalar atua como uma estratégia fundamental para mitigar essas perdas, oferecendo à criança um ponto de apoio que preserve parte de sua rotina, identidade e esperança, mesmo em meio às adversidades.

Diante disso, estudar a atuação no HUPES e sua relação com a leitura revela como essa prática pode ser utilizada tanto como ferramenta pedagógica quanto terapêutica. A leitura, inserida no contexto hospitalar, funciona como uma ponte entre o universo acadêmico e a saúde emocional das crianças. Quando integrada à rotina hospitalar, promove relaxamento, reduz a ansiedade e fortalece o vínculo afetivo entre pacientes e profissionais.

Além disso, a leitura contribui para o desenvolvimento da imaginação e criatividade das crianças, oferecendo-lhes um refúgio emocional diante do estresse causado pelo tratamento e pela internação. Essa prática, portanto, cumpre um papel significativo na recuperação dos pacientes, integrando os aspectos pedagógicos, emocionais e sociais em uma abordagem holística.

A leitura no contexto hospitalar, especialmente para crianças internadas, desempenha um papel crucial não apenas na continuidade educacional, mas também no fortalecimento da saúde emocional e social das crianças. Como é garantido pela Lei 13.716/2018, que assegura o atendimento educacional durante o período de internação, as práticas pedagógicas, incluindo a leitura, são essenciais para garantir o direito à educação dessas crianças, mesmo quando estão afastadas da escola regular devido ao tratamento médico.

O CNE (Conselho Nacional de Educação), ao reforçar que o direito à educação deve ser assegurado a todos os alunos, independentemente das condições de saúde, reconhece a leitura como uma ferramenta pedagógica inclusiva e essencial. O CNE destaca que “o direito à educação deve ser assegurado a todos, em todos os níveis de ensino, sem discriminação de qualquer natureza” (CNE, 2019, p.1), o que implica também no direito das crianças internadas à participação em atividades educativas, como a leitura, que vão além do ensino tradicional. No ambiente hospitalar, a leitura se transforma em uma válvula de escape, proporcionando aos pequenos pacientes um refúgio emocional para se distanciar das adversidades da internação.

O CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) e o CONSED (Conselho Nacional de Secretários de Educação), por sua vez, enfatizam a importância da educação e da recreação, destacando que as crianças

internadas têm direito a ações educativas que promovam seu bem-estar psicológico e social. O CONANDA, especificamente, reconhece a leitura como uma prática essencial para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo a continuidade do aprendizado de forma que respeite as limitações físicas e emocionais do momento.

Esse direito à ludicidade e ao desenvolvimento, inclusive por meio da leitura, é uma forma de garantir que, apesar da hospitalização, as crianças possam manter uma conexão com o mundo fora daquele contexto, com a escola e com suas próprias emoções. O trabalho pedagógico hospitalar não se limita a ensinar, mas também a proporcionar momentos de imaginação, criatividade e expressão, que são fundamentais para a manutenção do equilíbrio emocional das crianças internadas. O CONSED destaca a importância de integrar as práticas pedagógicas à realidade do paciente, e a leitura, nesse sentido, é uma das principais formas de proporcionar uma experiência educacional que respeite e acolha o aluno hospitalizado.

Vivenciei, em minha experiência com crianças internadas, como a leitura não apenas auxilia no aprendizado, mas também desperta emoções e fortalece a autoestima. Durante as atividades, percebi que histórias criam um espaço de encantamento onde as crianças podem explorar novos mundos, encontrar inspiração e sentir-se valorizadas. Além disso, a interação com os textos promove momentos de alívio emocional, oferecendo uma pausa da rotina hospitalar e ajudando a enfrentar os desafios do tratamento com mais leveza. Cada página lida, cada história compartilhada, torna-se uma ponte para a imaginação e a esperança, mostrando a essas crianças que, mesmo em circunstâncias difíceis, elas têm um universo de possibilidades à sua frente.

A presença de atividades lúdicas e de leitura no hospital ajuda a reduzir o estresse emocional causado pela doença e pelo afastamento de suas rotinas, além de ser uma forma de preservar a identidade da criança e garantir sua inclusão social e educacional, conforme preconizado pelos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. A leitura, nesse contexto, funciona não apenas como uma estratégia pedagógica, mas também como uma prática terapêutica, ao estimular a imaginação, o pensamento crítico e a expressão emocional das crianças internadas.

O uso de biblioterapia, como proposto no Projeto de Lei nº 4.186-A de 2012, reforça a importância de se utilizar a leitura como uma forma de tratamento complementar à recuperação física e emocional das crianças. A biblioterapia, ao ser

integrada aos cuidados hospitalares, possibilita que a criança vivencie momentos de prazer, relaxamento e crescimento emocional.

Em resumo, a leitura, quando inserida no contexto hospitalar, vai além do papel educacional convencional, tornando-se uma ferramenta terapêutica, emocional e pedagógica vital para as crianças internadas. Ela não só ajuda a preservar a continuidade do aprendizado, mas também facilita a adaptação emocional da criança ao ambiente hospitalar, oferecendo-lhe um espaço de expressão e pertencimento. A legislação, os conselhos educacionais e as práticas de pedagogia hospitalar garantem que a leitura seja uma prática inclusiva é fundamental para o bem-estar integral da criança, permitindo-lhe enfrentar as adversidades da doença com mais leveza e confiança.

3. A IMPORTÂNCIA DAS CLASSES HOSPITALARES

A manutenção do vínculo escolar no ambiente hospitalar tem um impacto significativo no bem-estar e no desenvolvimento das crianças internadas. De acordo com Barros (2007 *apud* Gomes, 2022), a escola exerce um valor simbólico importante na vida das crianças e adolescentes, contribuindo para a preservação de suas experiências de vida e seu desenvolvimento psíquico, mesmo em situações adversas. Assim,

o atendimento prestado em uma classe hospitalar é também fator que contribui para o enfrentamento do estresse da/na hospitalização. Esta possível contribuição é, em parte, alcançada graças ao significado e ao valor simbólico da escola na composição das experiências infantis e juvenis que, então resgatadas apesar da condição de hospitalização, reequilibram o desenvolvimento psíquico daquelas crianças e adolescentes (Barros, 2007, *apud* Gomes, 2022, p. 16).

Ceccim (1997 *apud* Gomes, 2022) complementa essa perspectiva ao destacar que o trabalho pedagógico no hospital é essencial para acompanhar o desenvolvimento cognitivo das crianças, garantindo-lhes a continuidade do aprendizado. Esse acompanhamento contribui para minimizar as lacunas educacionais durante o período de afastamento escolar, promovendo a integração entre saúde e educação.

Conforme Gonçalves (2001), a hospitalização não deve ser vista como um fator limitante para o aprendizado e para o desenvolvimento. Mesmo diante das adversidades do período de internação, a criança ou o jovem tem a capacidade de transformar essa experiência em uma oportunidade de aprendizado, adquirindo novos conhecimentos e ampliando suas perspectivas. Dessa forma, a situação hospitalar pode ser ressignificada como um espaço que favorece o crescimento pessoal e intelectual, em vez de representar apenas uma interrupção ou obstáculo.

Ao enfatizar que a doença não deve ser um obstáculo para o aprendizado, a autora reconhece a resiliência e a capacidade das crianças e dos jovens de transformar experiências adversas em oportunidades de crescimento. Esse entendimento valoriza a classe hospitalar como um espaço não apenas de continuidade do ensino, mas também de acolhimento e valorização das vivências dos pacientes, permitindo que eles aprendam tanto conteúdos formais quanto lições que fortalecem o desenvolvimento emocional e social (Gonçalves, 2001)

Atualmente, a classe hospitalar em Salvador conta com uma rede de atendimentos hospitalares abrangentes composta por diversos hospitais, clínicas, casas de apoio e residências de atendimento domiciliar, conforme informações fornecidas por Anaildes Coêlho Bonfim, coordenadora pedagógica da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce (comunicação pessoal, 6 jan. 2024). Abaixo, estão listados os principais serviços de saúde disponíveis na cidade:

Hospitais de Atendimento Hospitalar:

1. Hospital Ana Nery
2. Hospital Aristίδes Maltez
3. Hospital da Criança Martagão Gesteira
4. Instituto Couto Maia
5. Hospital Geral Roberto Santos
6. Hospital Municipal de Salvador
7. Hospital Santa Izabel
8. Hospital Santo Antônio (HC)
9. Hospital São Rafael
10. Hospital do Subúrbio

Clínicas de Hemodiálise:

1. Clínica de Hemodiálise Davita
2. Clínica de Hemodiálise Nephron
3. Clínica de Hemodiálise Senhor do Bonfim

Casas de Apoio a Pacientes Oncológicos:

1. GACC (Grupo de Apoio à Criança com Câncer)
2. Nacci (Núcleo de Apoio ao Combate ao Câncer Infantil)
3. Núcleo de Apoio ao Combate ao Câncer Infantil

Casas Lares para Pessoas com Deficiência e Necessidades Especiais:

1. Lar Vida (Valorização Individual do Deficiente Anônimo)
2. Lar Fonte da Fraternidade
3. Núcleo Espírita Campo da Paz

Salvador conta com 15 residências de atendimento domiciliar, onde os cuidados de saúde são prestados diretamente nas casas dos pacientes. Nessas

residências, o atendimento inclui a presença do pedagogo hospitalar, que realiza visitas periódicas para oferecer apoio educacional e emocional, principalmente para crianças em tratamento.

O pedagogo hospitalar adapta atividades pedagógicas ao ambiente domiciliar, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e emocional do paciente durante o tratamento. Esse atendimento ocorre de forma itinerante de modo que o profissional visita o paciente algumas vezes por semana conforme a necessidade.

Esse modelo de atendimento domiciliar, com a participação do pedagogo hospitalar, garante que os pacientes recebam não só cuidados médicos, mas também apoio educacional e psicológico em um ambiente familiar e confortável.

No contexto da educação hospitalar, a escola inserida nesse ambiente não só mantém os laços da criança com sua vida prévia à internação, mas também oferece um espaço neutro, que se torna um ponto de referência para o futuro com o objetivo de reintegrar a criança à sua rotina normal após a recuperação. Esse ambiente pedagógico é fundamental, pois permite à criança, mesmo em um momento delicado como a doença, continuar seu processo de aprendizagem.

A classe em uma enfermaria pediátrica é descrita como um grupo aberto e de estrutura dinâmica, onde crianças e adolescentes entram e saem com relativa frequência. Isso torna a constituição da turma sempre viável ao longo de um período, adaptando-se às diferentes durações de permanência de cada paciente.

Dessa forma, a natureza, a duração e a extensão do investimento pedagógico e terapêutico variam conforme o tempo de internação de cada jovem. Além disso, as demandas acadêmicas também são diversas e refletem diferentes origens socioeconômicas dos pacientes, o que caracteriza a classe hospitalar como uma turma multisseriada (Soares & Barros, 2024).

A turma, composta por crianças de idades variadas, possibilita que o professor desenvolva estratégias pedagógicas que respeitam as diferentes capacidades psíquicas dos alunos e seus níveis diversos de escolaridade. Assim, a prática educativa no hospital é adaptada, considerando tanto as limitações temporárias que a doença impõe quanto as necessidades de aprendizagem que permanecem, promovendo a continuidade do processo educacional de maneira inclusiva e individualizada (Reiner-Rosinbarf, 2003, *apud* Soares; Barros, 2024).

A importância da classe hospitalar vai além do simples cumprimento de uma função acadêmica, ela atua como um espaço vital para o resgate da normalidade e

da continuidade no desenvolvimento das crianças e adolescentes hospitalizados. Como afirmam Soares e Barros (2007), a escola dentro do ambiente hospitalar possui um papel terapêutico significativo ao contribuir para o enfrentamento do estresse que a hospitalização impõe. Ao proporcionar atividades educacionais, esse espaço simbólico permite que os pacientes, mesmo dentro de um contexto adverso, possam manter uma conexão com sua vida anterior à doença, o que é crucial para sua recuperação psíquica e emocional.

O valor da escola hospitalar é especialmente visível no impacto que ela tem sobre o bem-estar mental dos pacientes. Ela oferece um ambiente onde os jovens podem se sentir, ao menos em parte, como "crianças normais", permitindo que eles continuem suas atividades cotidianas, como a aprendizagem e a interação social, que são fundamentais para seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Em um ambiente hospitalar, onde o controle muitas vezes é retirado das mãos do paciente, a presença da escola oferece um espaço de autonomia e continuidade, elementos essenciais para manter a autoestima e a motivação.

Além disso, a classe hospitalar serve como uma válvula de escape para as tensões geradas pela doença e pelos procedimentos médicos. Soares e Barros (2007) explicam que, por meio do atendimento educacional, os jovens não estão apenas distantes da sensação de impotência que a doença muitas vezes impõe, mas também são capazes de criar vínculos com outros colegas, o que fortalece um senso de pertencimento e apoio mútuo. Essa interação social e educacional, muitas vezes limitada nas condições normais de internação, torna-se fundamental para o desenvolvimento psicossocial do paciente.

Ao participar das aulas, os pacientes mantêm o foco em atividades que são importantes para o seu crescimento intelectual e pessoal, o que pode também aliviar o sofrimento emocional associado à doença e à hospitalização. Dessa forma, a classe hospitalar não apenas ajuda as crianças e os adolescentes a manterem seu aprendizado acadêmico, mas também age como um suporte psicológico essencial, promovendo uma recuperação mais equilibrada e integral.

4. CONHECENDO A CLASSE HOSPITALAR E O HOSPITAL DAS CLÍNICAS (HUPES)

O Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES-UFBA), popularmente conhecido como Hospital das Clínicas, é uma unidade de referência para doenças raras na Bahia. A instituição oferece suporte abrangente em diversas áreas, incluindo projetos voltados para o estímulo ao desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, proporcionando-lhes atividades significativas durante os longos períodos de internação necessários para o tratamento e diagnóstico dessas condições.

O Hospital atualmente conta com 36 leitos, sendo 7 leitos UCA (Unidade da Criança e do Adolescente), 19 leitos UCA 2 e 3, e 10 leitos de Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica. A Unidade da Criança e do Adolescente é uma unidade da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). A Ebserh é uma estatal vinculada ao Ministério da Educação (MEC) e administra 40 hospitais universitários federais no Brasil, sendo um deles o Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos (COMHUPES).

No âmbito pediátrico, este hospital responde como referência nacional, pela atenção especializada a várias doenças crônicas, caracterizadas pelas demoradas ou repetidas internações: a anemia falciforme, a asma, o diabetes e a anorexia nervosa. Também atende algumas doenças genéticas raras como a Mucopolissacaridose e a Osteogênese Imperfeita. Atende ainda às demandas típicas do contexto de pobreza, de falta de saneamento básico e de violência em que vive grande parte da infância e juventude soteropolitanas: a desnutrição, as infecções das vias aéreas, a diarreia e a desidratação (Barros, 2022, p. 72).

A Classe Hospitalar do Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES-UFBA) realiza um trabalho significativo no atendimento pedagógico a crianças internadas desde 1999. Inicialmente, de 1999 a 2009, esse atendimento foi oferecido por professores da Prefeitura Municipal de Salvador sob a coordenação do Instituto Criança Viva. A partir de 2009, com mudanças na gestão do HUPES, a Faculdade de Educação (FACED) da UFBA assumiu a responsabilidade pelas atividades pedagógicas, que eram desenvolvidas em uma sala reservada dentro do prédio até o período de 2018.

Em 2020, as atividades pedagógicas nos leitos hospitalares foram retomadas sob a liderança da pedagoga Luciana Brasil, permitindo uma interação mais próxima com os pacientes internados. A mesma profissional continua a conduzir esse trabalho até hoje, proporcionando suporte educacional às crianças e adolescentes hospitalizados.

Em quatro de outubro de 2023 foi inaugurada oficialmente a Classe Hospitalar, equipada com estrutura apropriada para o ensino: dois computadores, uma mini biblioteca com mais de cem livros didáticos e literários, incluindo uma variedade de gêneros, como gibis, especialmente da *Turma da Mônica*, mangás, livros interativos, livros de fantasia, além de obras infantis e juvenis. Alguns desses livros e os livros que vão ser citados encontram-se no Apêndice B. Além disso, cadeiras, quadro branco e um banheiro no próprio espaço. O espaço foi adaptado para atender pacientes internados que estejam cursando desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com materiais já pertencentes à instituição, que passaram por melhorias.

A Classe Hospitalar do Hospital das Clínicas desempenha um papel fundamental no atendimento pedagógico das crianças internadas. Luciana Brasil é coordenadora e é responsável pela administração e acompanhamento das atividades educacionais voltadas para o bem-estar e para o desenvolvimento das crianças em parceria com a Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A classe hospitalar do HUPES ancora-se no seu Projeto Político Pedagógico (PPP) foi escrito por um conjunto de profissionais da educação: estudantes de Licenciatura em Pedagogia, Artes e Música, Mestrado e Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pais e profissionais que tem como objetivo respaldar as ações administrativas e pedagógicas no âmbito deste espaço educativo (Barros, 2022, p. 71).

Durante a disciplina de Estágio III (EDCB95), os alunos de graduação em Pedagogia têm a oportunidade de atuar em espaços não formais de educação, com destaque para o ambiente hospitalar, além de outros locais como associações de bairro, ONGs e instituições de educação especial.

O estágio oferece aos estudantes a oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas em contextos educativos diversos além da escola tradicional. No caso do Hospital das Clínicas, os estagiários têm a chance de aplicar seus conhecimentos na Classe Hospitalar, proporcionando uma experiência única de interação com crianças em tratamento. Para os pacientes que não conseguem se deslocar até a

Classe Hospitalar, a pedagoga realiza as atividades diretamente nos leitos, garantindo que todas as crianças internadas possam participar do processo educacional, independentemente de suas condições de saúde. Além disso, Luciana Brasil supervisiona os estagiários da UFBA, oferecendo-lhes a oportunidade de compreender a dinâmica e o funcionamento desse atendimento especializado.

Essa parceria tem sido essencial para que os alunos do Estágio III possam vivenciar o trabalho pedagógico com crianças em tratamento, aprendendo como desenvolver atividades que favoreçam o desenvolvimento educacional e emocional das crianças e dos adolescentes mesmo no contexto hospitalar. Durante o estágio, os estudantes se envolvem em diversas atividades, como a leitura e a construção de materiais pedagógicos com o objetivo de promover o bem-estar das crianças internadas. Ao final do estágio, os estudantes apresentam um relatório refletindo sobre suas experiências e seus aprendizados durante a vivência.

Em minhas visitas à Classe Hospitalar, tive a oportunidade de colaborar com as estagiárias, participando de atividades conjuntas de leitura e construção de materiais, além de contribuir com as respostas do formulário utilizado nesse trabalho. Essa troca de experiências tem sido enriquecedora para os estagiários, que desenvolvem habilidades práticas em um ambiente não convencional de ensino, quanto para as crianças, que se beneficiam de atividades pedagógicas que promovem seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

O trecho evidencia o papel multifuncional do Hospital Universitário (HU) como um espaço que transcende o atendimento médico, abrangendo ensino, pesquisa e extensão. Essa estrutura contribui significativamente para a formação de profissionais da saúde, da educação e de demais áreas relacionadas. A descrição das unidades pediátricas ressalta a complexidade do atendimento oferecido, que abrange desde cuidados intensivos, como a UTI pediátrica, até áreas especializadas, como a unidade metabólica. Essa diversidade de serviços reflete o compromisso do HU em oferecer um atendimento integrado e de alta qualidade, especialmente para a população pediátrica, um grupo que exige atenção especial em suas necessidades de saúde. Essa abordagem integrada entre assistência, ensino e pesquisa fortalece o impacto do HU na rede de saúde regional, promovendo avanços não apenas no cuidado direto aos pacientes, mas também na produção de conhecimento e formação de profissionais qualificados.

Essa realidade contextualiza o HUPES como um espaço ideal para investigar o impacto da leitura na recuperação emocional de crianças internadas. A implementação de práticas de biblioterapia dentro do ambiente hospitalar, seja na classe hospitalar ou no leito, reflete uma perspectiva moderna de humanização do cuidado hospitalar, que vai além do tratamento físico, integrando a saúde emocional e o bem-estar das crianças.

Ao estudar como a leitura pode impactar essas crianças, é possível compreender as contribuições pedagógicas e terapêuticas que essa prática pode proporcionar, suas influências sobre o aprendizado e sobre o bem-estar emocional e a adaptação ao ambiente hospitalar.

O trabalho contribuiu, assim, para a ampliação das práticas educacionais e de apoio emocional em ambientes hospitalares, alinhadas às diretrizes dos direitos das crianças hospitalizadas, que preveem o acesso à educação e recreação, mesmo durante o tratamento.

5. A LEITURA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA

Historicamente, a leitura como terapia remonta ao antigo Egito, onde as bibliotecas não apenas desempenhavam o papel de preservar conhecimento, mas também eram vistas como locais de cura. Neste contexto, a leitura era associada a práticas espirituais e de bem-estar, com textos sagrados e literários usados para promover equilíbrio mental e emocional. Desde então, essa prática foi evoluindo ao longo dos séculos e se consolidou como uma ferramenta terapêutica amplamente utilizada em contextos clínicos, educacionais e sociais.

O termo **biblioterapia** é formado pelas palavras gregas *biblion* (βιβλίον), que significa "livro", e *therapeia* (θεραπεία), que se traduz como "terapia". A biblioterapia enfatiza o uso da leitura de livros ou outros materiais de leitura como meio terapêutico. De acordo com a Associação das Bibliotecas de Hospitais e Instituições dos Estados Unidos (EUA), citada por Mood e Limper (1971 *apud* Caldin, 2001), a biblioterapia é definida como o uso de materiais de leitura para resolver problemas pessoais e promover a reintegração dos indivíduos à sociedade, utilizando leitura dirigida para tratar desequilíbrios emocionais. Ao longo do tempo, a biblioterapia foi ganhando reconhecimento como uma prática eficaz para o tratamento de condições de saúde físicas e mentais.

Ela tem se mostrado especialmente relevante no apoio à saúde emocional, sendo utilizada para reduzir o estresse, melhorar a autoestima e ajudar indivíduos a lidar com traumas e doenças debilitantes. Segundo Caldin (2001), a leitura, quando aplicada em contextos terapêuticos, pode ter um efeito curativo, proporcionando uma pausa emocional por meio da imersão em narrativas que estimulam reflexão, crescimento pessoal e ressignificação de experiências difíceis.

Além disso, estudos indicam que a biblioterapia contribui para o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento (coping), permitindo que os pacientes se identifiquem com personagens ou situações retratadas nos textos, o que favorece a percepção de novos caminhos para superar suas dificuldades (Ribeiro, 2006; Ouaknin, 1996). Em contextos clínicos, a biblioterapia pode ser aplicada tanto em grupos terapêuticos quanto em sessões individuais. Seu impacto vai além do prazer da leitura, com estudos mostrando que programas de biblioterapia em hospitais e centros de reabilitação promovem uma significativa melhoria no estado emocional

dos participantes, com redução de ansiedade, de estresse e até da dor, como observado em unidades de terapia intensiva (Costa; Moreira, 2018).

A prática da biblioterapia também se destaca nos grupos terapêuticos, como demonstrado por Santos (2020) ao abordar a biblioterapia no CAPS. Ela descreve como a atividade de leitura cria um espaço para reflexão, onde os participantes podem se identificar com personagens e temas abordados, promovendo não apenas o autoconhecimento, mas também o desenvolvimento de empatia. Durante a leitura, o biblioterapeuta conduz a discussão, incentivando os participantes a expressarem seus sentimentos e a estabelecerem conexões mais profundas consigo mesmos e com as outras pessoas.

Além disso, em várias iniciativas hospitalares, como os projetos **Hora do Conto e Biblioteca Viva**, a biblioterapia tem sido implementada com resultados positivos. Benedetti (2015) descreve como a contação de histórias para crianças hospitalizadas pode aliviar medos, reduzir angústias e proporcionar uma experiência de hospitalização mais humanizada. Outros exemplos incluem o **Projeto Biblioteca Viva**, que visa a promover a saúde psíquica de crianças internadas, e a **Hora do Conto** no Hospital São Lucas da PUCRS, que utiliza a literatura para auxiliar na recuperação emocional das crianças.

A biblioterapia não se limita a hospitais e a unidades pediátricas. Ela também tem sido aplicada com sucesso em casas de repouso, presídios e até em bibliotecas públicas, onde auxilia na melhoria da saúde mental de adultos e idosos. Além disso, programas como o **Dose Diária** em São Paulo, que oferece crônicas para pacientes e acompanhantes, têm demonstrado o valor da leitura no enfrentamento de situações adversas. No contexto de uma criança internada, a biblioterapia desempenha um papel fundamental no apoio emocional.

Assim como nos grupos terapêuticos, a leitura na classe hospitalar oferece uma pausa das rotinas de tratamento e promove uma conexão emocional com os personagens das histórias, muitas vezes abordando temas como o medo da doença e o desejo de cura. A orientação do educador ou biblioterapeuta, que estimula a reflexão e o questionamento, ajuda a criança a compreender melhor suas emoções durante o processo de hospitalização, criando um ambiente seguro e acolhedor para a expressão desses sentimentos. Além disso, o ambiente de classe hospitalar oferece uma oportunidade de interação com outras crianças, o que fomenta o desenvolvimento da empatia.

A troca de experiências cria uma rede de apoio emocional entre os pequenos, reforçando a importância da conexão e do apoio mútuo durante o período de hospitalização. Quando a escolarização é mantida, a criança preserva a continuidade de seu aprendizado e seu senso de identidade, que não é completamente interrompido pelo processo de internação. Autores como Caldin (2010) enfatizam que o livro torna-se um "companheiro" emocional, facilitando a expressão de sentimentos e ajudando no processo de cura. Além disso, o design visual do material de leitura é fundamental para atrair a atenção das crianças, especialmente em ambientes hospitalares, onde a ansiedade pode facilmente desviar seu foco.

Em alguns casos, o material de leitura pode tornar-se o único objeto de lazer, uma vez que os pacientes encontram-se, muitas vezes, sem acesso aos meios de comunicação como rádio e televisão. Essa prática poderá ajudar a criar e incentivar o hábito de ler dentro do hospital, mostrando a leitura como algo prazeroso. Possivelmente, muitos pacientes nunca tiveram a oportunidade de praticar a leitura ou consideram-na uma atividade 'chata', mas através deste trabalho biblioterapêutico, poderão levar o hábito da leitura para fora do hospital" (Benedetti, 2008, p. 9-10).

Lucas et al. (2006) revela o poder da leitura como uma ferramenta terapêutica que vai além do simples ato de ler. Ela enfatiza como a leitura pode proporcionar uma "fuga" temporária da dor e do sofrimento físico e emocional do paciente. Ao abordar o livro como um "segredo" que é desvendado de acordo com as emoções e as necessidades individuais, o processo de biblioterapia permite que o paciente se identifique com os personagens, resignificando suas próprias experiências. Nesse sentido, a leitura, como menciona a citação, pode afastar a dor, oferecer novas perspectivas, e possibilitar uma reflexão mais profunda sobre si mesmo e sobre sua situação.

... o livro fala. Conta um segredo. Cada um desvenda esse segredo do seu jeito, do jeito que mais gostar, do jeito que provoque suas emoções, que afaste a dor, que propicie a ilusão de ser outra pessoa, que permita atribuir à personagem seus medos e fraquezas, que admita a apropriação de qualidades desejáveis da personagem, que favoreça a reflexão. Leitura/contação – interpretação – diálogo, nesse tripé fundamenta-se o método biblioterapêutico (Lucas et al., 2006, p. 401).

Além disso, a citação sublinha a importância do acompanhamento emocional durante esse processo. Não basta apenas ler ou ouvir uma história; é essencial que

haja uma troca de interpretações, um diálogo entre o paciente e o terapeuta ou facilitador para que os sentimentos gerados pela leitura possam ser externalizados.

Esse intercâmbio de emoções e expressões, seja de alegria ou de angústia, é o que realmente confere valor ao processo de biblioterapia, tornando-o mais do que um simples incentivo à leitura. Ele se transforma em uma prática de apoio emocional, de autoconhecimento e, muitas vezes, de cura. O trabalho realizado com o texto, seja por meio de leitura, narração ou dramatização, deve ser personalizado, de acordo com a debilidade do paciente e seus interesses, garantindo que a experiência da leitura seja acessível e eficaz no processo terapêutico

Durante minhas vivências na classe hospitalar do Hospital das Clínicas, tive diversas oportunidades de conversar com as crianças sobre o significado da leitura em suas vidas, sobre suas preferências literárias, entre outros aspectos relacionados ao mundo dos livros. Em uma dessas conversas com uma criança a quem apelidei de Ester, inspirada pela sua princesa favorita, ela me disse: "Eu me sinto no paraíso lendo a Turma da Mônica". Essa simples frase de Ester, que carrega o nome de sua personagem preferida, ilustra de maneira profunda o impacto que a leitura pode ter na vida de uma criança, especialmente em um ambiente tão desafiador como o hospitalar.

Ao expressar que, ao ler, ela se sente em um "paraíso", Ester nos mostra que, independentemente do ambiente em que se encontra, a leitura tem o poder de transportá-la para um espaço de felicidade, imaginação e bem-estar. Ela pode estar em qualquer lugar, mas com o livro certo em mãos, está contente e conectada com o mundo ao seu redor.

Esse relato destaca a importância crucial dos livros, histórias e revistas em quadrinhos no contexto hospitalar. Eles não são apenas fontes de entretenimento, mas também são ferramentas essenciais de apoio emocional e psicológico para as crianças. Elas oferecem momentos de alívio e prazer fundamentais para ajudar as crianças a enfrentar o tratamento e a internação de maneira mais leve e suportável.

A leitura na classe hospitalar, portanto, vai além de um simples passatempo, ela cria um espaço de identificação e empatia, permitindo que as crianças se conectem com o que estão vivenciando e proporcionem reflexões que ressignificam suas experiências. Isso exerce um impacto profundo no desenvolvimento psicológico e social das crianças, mesmo diante das adversidades de um ambiente hospitalar.

6.METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido com uma abordagem qualitativa, focando na compreensão profunda das experiências e percepções dos participantes. A vivência buscou explorar a leitura como ferramenta de suporte emocional para crianças internadas, especialmente no que diz respeito aos benefícios emocionais, psicológicos e educacionais para as crianças.

Segundo Minayo (2016), a intervenção qualitativa permite ao investigador adaptar-se ao contexto e utilizar os métodos mais adequados, levando em conta as informações necessárias para alcançar os objetivos do estudo. Nesse tipo de intervenção, o foco está na construção de significados a partir da interação com os participantes, o que, conforme Merriam (1998), resulta em uma interpretação do fenômeno estudado filtrada pela perspectiva do próprio investigador.

De acordo com Bogdan e Biklen, citados por Lüdke e André (1986), a intervenção qualitativa visou à coleta de dados descritivos e enfatizou o processo de investigação em vez de um produto final específico. Nesse sentido, a experiência teve como objetivo retratar as perspectivas dos participantes e compreender suas experiências no contexto hospitalar.

Para isso, foi aplicado um formulário direcionado aos estagiários de estágio III da classe hospitalar com o intuito de investigar como a leitura impactava o desenvolvimento e o bem-estar das crianças internadas. O estudo buscou entender como as práticas de leitura, enquanto atividades pedagógicas e terapêuticas, influenciaram a experiência das crianças no ambiente hospitalar, bem como as percepções dos profissionais envolvidos.

A utilização de um formulário dirigido a estagiárias da classe e a estudantes que atuaram diretamente na classe hospitalar foi um dos instrumentos para a coleta de dados além da construção de quadros. O formulário foi escolhido pela sua capacidade de coletar informações de forma sistemática, abrangente e eficiente. Além disso, o formulário permitiu a padronização das perguntas, garantindo que as informações obtidas fossem consistentes e comparáveis.

O formulário não foi elaborado com o intuito de realizar uma pesquisa formal, mas sim para reforçar a visão e as reflexões das participantes sobre suas experiências. Seu caráter é puramente reflexivo e não há objetivo de coleta de dados pessoais. Para garantir a privacidade e o anonimato, o mesmo foi estruturado de forma que nenhuma informação individual fosse identificada, respeitando assim os princípios

éticos estabelecidos pelo Comitê de Ética. O formato adotado é um relato de experiência, com a intenção de promover uma reflexão pessoal e coletiva, sem qualquer vinculação a análises quantitativas ou identificação de participantes.

O formulário foi elaborado com o intuito de captar a percepção das estagiárias que também estavam vivenciando o ambiente da classe hospitalar, proporcionando uma oportunidade para que elas compartilhassem suas opiniões e experiências. O foco principal desta vivência foi entender a influência da leitura no contexto hospitalar, uma vez que essa prática é fundamental para o bem-estar das crianças.

As respostas ao formulário fornecidas pelas estagiárias trouxeram informações valiosas sobre como essas atividades influenciam o humor e o desenvolvimento das crianças, além de destacar os benefícios emocionais e cognitivos que a leitura pode proporcionar.

O formulário foi composto por questões fechadas e abertas com o intuito de explorar tanto a percepção subjetiva das estudantes sobre o impacto da leitura, quanto os benefícios observados nas crianças internadas. As perguntas fechadas, com opções de resposta pré-definidas, permitiram a análise quantitativa de dados sobre a importância da leitura, os benefícios percebidos e a frequência das atividades. Já as perguntas abertas proporcionaram uma análise qualitativa, permitindo que os entrevistados compartilhassem suas experiências e relatos sobre o impacto emocional e educacional da leitura no contexto hospitalar.

O formulário foi composto por onze questões, que abrangeram diferentes aspectos da leitura na classe hospitalar, incluindo a avaliação da importância da leitura, os benefícios observados nas crianças, a forma como a leitura ajudava no enfrentamento da internação e sugestões de melhorias para as atividades. A primeira parte do formulário coletou dados demográficos e dados sobre a experiência do profissional na classe hospitalar, enquanto as questões subsequentes abordaram diretamente os efeitos da leitura e a percepção dos profissionais quanto ao papel da leitura no desenvolvimento educacional e emocional das crianças.

As questões foram divididas em categorias, como:

- Perfil do participante (tempo de experiência, faixa etária das crianças atendidas)
- Avaliação da leitura no ambiente hospitalar (importância, impacto emocional, benefícios observados)

- Impacto no desenvolvimento escolar e psicológico das crianças
- Sugestões para melhorias nas atividades de leitura.

A coleta foi realizada em uma única etapa: a aplicação do formulário de forma virtual. Os estudantes envolvidos nas atividades de leitura foram convidados a responder ao formulário de maneira voluntária e anônima por meio eletrônico.

Os dados obtidos a partir dos formulários foram analisados de forma quantitativa e qualitativa. As respostas das questões fechadas foram analisadas quantitativamente por meio do cálculo das frequências absolutas e relativas, o que possibilitou identificar padrões nas percepções dos participantes. As respostas abertas, por sua vez, foram analisadas qualitativamente com base na análise de conteúdo, conforme os métodos propostos por Bardin (2011).

Esse procedimento permitiu identificar categorias e temas recorrentes nas respostas, oferecendo uma compreensão mais detalhada dos aspectos subjetivos das experiências dos profissionais em relação às atividades de leitura, além de revelar as interpretações e sentimentos dos participantes sobre o impacto da leitura no contexto hospitalar.

A utilização de formulários como técnica de coleta de dados em intervenções qualitativas foi amplamente respaldada na literatura acadêmica. Segundo Minayo (2016), a intervenção qualitativa busca compreender as perspectivas dos participantes a partir de métodos que permitiram a exploração detalhada de suas experiências, sendo o formulário uma ferramenta eficaz para organizar e sistematizar informações. Além disso, a combinação de questões fechadas e abertas possibilitou um equilíbrio entre a análise quantitativa e qualitativa, como afirmam Lüdke e André (1986), que destacaram a flexibilidade dessa abordagem para capturar tanto dados objetivos quanto subjetivos.

Bardin (2011), por sua vez, apontou a análise de conteúdo como uma técnica robusta para interpretar dados qualitativos a partir de respostas abertas, permitindo identificar padrões e temáticas que emergem nas falas dos participantes. Nesse sentido, a análise das respostas abertas ajudou a revelar a riqueza das experiências dos profissionais e estudantes, oferecendo uma visão mais detalhada sobre o impacto da leitura no contexto hospitalar.

A análise minuciosa desses aspectos não apenas contribuiu para o enriquecimento do conhecimento acadêmico, mas também ofereceu subsídios

relevantes para a formulação de estratégias mais eficazes de apoio às crianças em situações adversas de saúde. Ao compreender as nuances da interseção entre educação e saúde fora do ambiente escolar tradicional, esperou-se que este estudo proporcionasse insights valiosos para aprimorar as práticas de assistência e promover a qualidade de vida dessas crianças.

Assim, a investigação almejou trazer à tona não apenas a importância da leitura na classe hospitalar e da educação não formal, mas também a compreensão de como esses elementos convergem para proporcionar um ambiente educacional enriquecedor e integral às crianças em condições de saúde desafiadoras.

Com base nos objetivos delineados para o relato de experiência e nas atividades propostas, apresentaram-se as seguintes etapas seguidas:

- **Etapa 1:** Revisão bibliográfica e legislativa, bem como leitura de documentos e livros que abordavam a classe hospitalar com foco específico no recorte da recreação.
- **Etapa 2:** Visitas ao Hospital das Clínicas para o mapeamento dos livros disponíveis e observação participante.
- **Etapa 3:** Mapeamento e análise dos recursos de leitura.
- **Etapa 4:** Construção e aplicação de um formulário dirigido para estudantes da classe hospitalar.
- **Etapa 6:** Realização do levantamento de dados do formulário.
- **Etapa 7:** Descrição detalhada, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre a dinâmica da leitura tanto na classe hospitalar quanto nos leitos.
- **Etapa 8:** Abordagem da importância da leitura para as crianças em tratamento no HUPES, ressaltando a garantia desse direito conforme estabelecido pela Lei 13.716/2018.

Diante desse contexto, tornou-se imperativo realizar uma investigação aprofundada sobre a relevância da leitura e as implicações da educação não formal no ambiente hospitalar. Este estudo buscou elucidar o papel significativo desempenhado pela classe hospitalar, assim como a importância da educação não formal como um recurso complementar no desenvolvimento educacional e emocional de crianças submetidas a tratamentos prolongados. Com relação à fotografia, foi garantido que as imagens não apresentassem rostos das crianças,

preservando, assim, sua identidade. Todo o cuidado foi tomado para assegurar a ética e o respeito a privacidade, e os pais e responsáveis foram consultados previamente, sendo-lhes perguntado se autorizavam a captura de imagens sem exposição do rosto, justamente para atender a questões éticas e de proteção.

7. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA CLASSE HOSPITALAR: ABORDAGENS, ESTRATÉGIAS E PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Com base nas minhas vivências na classe hospitalar e nas reflexões sobre o impacto da leitura, conforme mencionado por Costa e Moreira (2018), a leitura tem sido amplamente associada à redução dos níveis de estresse e à promoção do relaxamento, funcionando como uma pausa emocional, que oferece aos indivíduos a oportunidade de se distanciar das tensões do cotidiano, proporcionando alívio e bem-estar.

Durante minhas vivências na classe hospitalar, organizei minhas visitas às escolas nas sextas-feiras. Algumas visitas foram alteradas devido a feriados, mas agendei para outros dias, assim pude aproveitar as oportunidades de ter as vivências.

No decorrer das atividades compartilhadas com as estagiárias, sempre seguimos uma rotina de organização, em parceria com a professora Luciana Brasil, para obter informações sobre as crianças registradas no sistema, como idade e características específicas. Com base nas informações coletadas, que incluíam nome, idade e estado de saúde das crianças, organizávamos o planejamento das atividades diárias de forma personalizada. As atividades eram constantemente adaptadas para atender às necessidades específicas de cada criança, com a leitura sendo priorizada como uma ferramenta significativa e central no processo.

Por exemplo, a paciente Kiara¹, de seis anos, diagnosticada com lúpus, já conhece a classe hospitalar e costuma frequentá-la regularmente. A paciente Anna, que vem para tomar medicação, geralmente não frequenta a classe, preferindo realizar atividades no leito ou ler um livro. O paciente Alladin chegou recentemente à classe e ainda precisa ser acompanhado para verificar suas necessidades.

Com base no perfil de cada criança, desenvolvemos diferentes alternativas de atividades para atender às necessidades individuais de cada uma. Em seguida, realizamos uma ida aos leitos para verificar como as crianças estavam e colher informações importantes sobre a evolução do quadro de saúde, além de outros detalhes importantes.

Durante essa visita nos apresentamos às crianças, explicamos o funcionamento da classe hospitalar e oferecemos opções para que elas pudessem

¹ Para garantir a privacidade das crianças atendidas e ao mesmo tempo respeitar sua individualidade, optei por utilizar nomes de personagens literários durante o trabalho com as narrativas, mantendo o foco na experiência emocional sem expor as identidades reais.

escolher a que mais lhes agradava. As atividades eram então realizadas, seja no leito ou na classe hospitalar, conforme a escolha e o estado de cada criança. Esse processo se repetia diariamente, garantindo que todas as crianças recebessem atenção personalizada e adequada às suas condições.

Esse trabalho em conjunto nos proporcionou a oportunidade de compartilhar experiências e aprender umas com as outras. Além disso, os estudantes do curso de Pedagogia também participaram de um formulário de feedback, no qual registraram suas impressões sobre as atividades realizadas na classe hospitalar, focando especialmente na leitura.

As respostas ao formulário fornecidas pelas estagiárias trouxeram informações valiosas sobre como essas atividades influenciam o humor e o desenvolvimento das crianças, além de destacar os benefícios emocionais e cognitivos que a leitura pode proporcionar.

Uma das perguntas realizadas foi: "Você percebe mudanças no humor ou na disposição das crianças após as atividades de leitura? Se sim, como elas mudam?" As respostas obtidas foram bastante positivas e revelaram o impacto significativo da leitura no comportamento das crianças. De maneira geral, a maioria das estagiárias indicou que as crianças apresentam mudanças notáveis em seu humor e disposição após as atividades de leitura. As atividades, além de estimular a ludicidade, promovem importantes interações com colegas, monitores e professores e favorecem a criação de um ambiente acolhedor. Esse espaço funciona como um "refúgio" para as crianças, permitindo que elas se distanciem das preocupações com a saúde e se entreguem de maneira mais plena às atividades.

Após a leitura, é possível perceber que as crianças ficam mais alegres, dispostas e interessadas, o que as torna mais entusiasmadas para participar das próximas atividades. Muitas se tornam mais confortáveis para conversar, empolgadas para compartilhar o que leram, e mais concentradas nas atividades seguintes. Além disso, as estagiárias relataram que as crianças ficam mais criativas e animadas para realizar outras tarefas, podendo tornar-se mais questionadoras e reflexivas, demonstrando um aumento na curiosidade e na capacidade de reflexão.

Em resumo, as atividades de leitura na classe hospitalar, como revelado pelas respostas das estagiárias de estágio III, não só promovem um alívio emocional para as crianças, mas também estimulam seu desenvolvimento cognitivo, proporcionando benefícios importantes para o seu bem-estar geral. Na pergunta "Em sua opinião, de

que forma a leitura ajuda as crianças a lidarem com o processo de internação e tratamento?", as respostas destacaram diferentes maneiras pelas quais a leitura pode beneficiar as crianças durante esse período desafiador. Uma das principais observações foi que a leitura ajuda a desviar ou amenizar o peso do processo de internação, mantendo as crianças motivadas e atentas, além de reduzir o estresse e promover a troca com seus pares.

Além disso, a leitura é vista como uma ferramenta de letramento que transporta as crianças para outros contextos, afastando-as momentaneamente da realidade do tratamento hospitalar. Ao acessar sentimentos e permitir diálogos sobre os conflitos do seu mundo, a leitura oferece uma forma de expressão e compreensão dos próprios desafios.

Outro ponto importante é que a leitura instiga a imaginação das crianças, permitindo que elas vivenciem momentos de alegria e leveza mesmo em um ambiente hospitalar. Dessa forma, ela contribui para tirar a criança do contexto hospitalar sem que precise sair fisicamente, oferecendo-lhe a oportunidade de imaginar e nutrir esperanças em outras possibilidades.

Além de ser uma atividade prazerosa dentro do contexto hospitalar, a leitura também promove diversão e entretenimento. Em um cenário onde o estresse e a ansiedade podem ser altos, a leitura é uma ferramenta valiosa para oferecer momentos de escapismo e descontração, para que as crianças consigam estar mais leves e conectadas com o mundo além do hospital.

Na pergunta "Quais são os principais benefícios emocionais e psicológicos que você vê nas crianças que participam das atividades de leitura?", as respostas destacaram vários impactos positivos que a leitura pode ter no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. Entre os benefícios mais mencionados está o desenvolvimento da criatividade e da confiança, que são fortalecidos durante o processo de leitura, permitindo que as crianças se expressem de forma mais segura e criativa. Além disso, a leitura ajuda a reduzir o estresse e oferece momentos de relaxamento e distração, essenciais para o bem-estar emocional das crianças em um ambiente hospitalar.

Outro benefício importante citado é o estímulo ao pensamento crítico e ao autoconhecimento, pois a leitura é uma experiência ativa, que envolve compreensão, interpretação e reflexão sobre os textos. Esse processo de reflexão pode invocar memórias e gerar diálogos internos com outras histórias lidas, proporcionando um

espaço para a criança expressar seus sentimentos e pensamentos. A leitura também desempenha um papel fundamental ao mudar o foco do pensamento, afastando as crianças de preocupações relacionadas à sua condição de saúde e promovendo um estado de animação, determinação e maior capacidade de concentração.

Esses benefícios emocionais e psicológicos são cruciais para o processo de recuperação e bem-estar das crianças, contribuindo para que elas se sintam mais conectadas consigo mesmas e com o mundo ao seu redor, mesmo em um contexto hospitalar.

O levantamento de dados possibilitou uma análise mais detalhada das impressões das estagiárias, permitindo identificar como as atividades de leitura foram percebidas no ambiente hospitalar e a sua importância para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. As respostas revelaram a relevância da leitura não só como ferramenta pedagógica, que só auxilia na aprendizagem, mas também oferece conforto e distração para os pacientes, muitas vezes contribuindo para a sua recuperação psicológica.

A análise das opiniões das participantes permitiu aprofundar a compreensão sobre como a leitura pode ser integrada de maneira eficaz nas atividades da classe hospitalar, atendendo às necessidades específicas de cada criança e promovendo um ambiente mais acolhedor e estimulante. Por exemplo, na pergunta "Quais principais benefícios você observa nas crianças após as atividades de leitura?" gerou respostas que destacam os impactos significativos da leitura nas crianças atendidas na classe hospitalar.

De acordo com as respostas, 66,7% das estudantes observaram que o principal benefício das atividades de leitura foi o aumento da motivação e entusiasmo das crianças. Esse resultado indica que a leitura desperta o interesse das crianças, incentivando-as a participar ativamente das atividades e a se engajarem com mais disposição. Além disso, 16,7% das estudantes destacaram que a leitura favorece a concentração e o foco das crianças, ajudando-as a manterem-se atentas e absorver melhor o conteúdo, o que é particularmente importante em um ambiente hospitalar, onde a rotina pode ser desestabilizadora.

Outro ponto mencionado por 16,7% das respostas foi que a leitura proporciona relaxamento e tranquilidade, promovendo um momento de calma e alívio emocional para as crianças, especialmente em um contexto de estresse e incerteza. Esses dados demonstram que a leitura oferece uma série de benefícios que vão além do

aprendizado cognitivo, atuando também no bem-estar emocional das crianças, melhorando seu estado psicológico e proporcionando uma sensação de conforto e segurança no ambiente hospitalar.

Em outra pergunta que aborda a importância da leitura na classe hospitalar, foi observado uma divisão nas opiniões: uma grande parte das participantes classificou a leitura como muito importante, enquanto uma minoria considerou-a apenas importante. Esse resultado evidencia, de forma clara, que a leitura é amplamente reconhecida como uma ferramenta fundamental no contexto da classe hospitalar, sendo considerada essencial por quase todas as participantes.

Na pergunta "Além dos benefícios mencionados anteriormente, você identifica algum outro benefício que a leitura possa oferecer na classe hospitalar? Se sim, quais seriam?", as respostas fornecidas pelas estagiárias destacaram outros aspectos positivos da leitura no contexto hospitalar. Uma das principais observações foi que a leitura auxilia no desenvolvimento da imaginação e da criatividade das crianças, além de aumentar sua concentração e atenção. Outro benefício apontado foi a diversidade de gêneros literários, que possibilita a inclusão de todas as crianças, independentemente de seus gostos ou preferências, facilitando seu envolvimento nas atividades e ampliando os diálogos entre elas. Esse aspecto também fortalece os laços entre as crianças e os profissionais, promovendo discussões que enriquecem a experiência de leitura.

Além disso, algumas estagiárias ressaltaram que a leitura contribui para o desenvolvimento pessoal das crianças, ampliando seu conhecimento de mundo e melhorando suas habilidades de comunicação. Esses benefícios complementam os impactos emocionais e cognitivos mencionados anteriormente, mostrando que a leitura na classe hospitalar oferece uma gama de vantagens que vão além do aprendizado imediato.

Com base no levantamento realizado com as estudantes sobre a leitura na classe hospitalar, pude observar de forma clara o impacto que a leitura teve no processo de recuperação emocional das crianças. A leitura apresentou-se como uma ferramenta fundamental, proporcionando momentos de alívio e descontração em um ambiente muitas vezes marcado por tensão e incertezas.

A aluna Moana, por exemplo, demonstrava grande empolgação sempre que tinha a oportunidade de se envolver com um livro ou uma história. Mesmo após momentos de grande tensão, como exames médicos, ela mostrava um relaxamento

evidente ao mergulhar nas narrativas, evidenciando o efeito terapêutico da leitura no processo de enfrentamento da hospitalização.

Outro relato significativo foi o de Ester, uma paciente de oito anos, que já mencionei anteriormente. Ela leu vinte livros ao longo do ano de 2024 e, ao responder sobre seu gosto pela leitura, compartilhou: "Eu gosto de ler porque é como se a gente estivesse viajando encantada, diferente. Eu gosto de livros, eu acho eles interessantes. Na história de Ester, ela é corajosa e me incentiva a ser." Ester ainda completou, dizendo: "Eu começo a fazer uma pilha de livros e começo a me desafiar a ler tudo, eu gosto muito. Ler é especial. Eu me sinto no paraíso lendo a Turma da Mônica." Essas palavras de Ester revelam o poder da leitura em promover não só distração, mas também autoconfiança e uma sensação de pertencimento a mundos fantásticos, muito distantes da realidade hospitalar.

Enquanto isso, sua colega Mônica, apelidada assim por também ser fã da personagem, declarou: "Ler é muito bom, eu gosto muito. Minha história favorita é a da Mônica." Esse momento gerou uma troca animada entre as crianças, os responsáveis e os profissionais da classe hospitalar, todos discutindo as aventuras de Mônica e seus amigos, refletindo o efeito geracional que esses personagens têm na formação de leitores. A conexão entre as crianças e as histórias de "Turma da Mônica" não apenas ilustra a continuidade do gosto pela leitura, mas também reforça a importância dessas obras na formação de um vínculo emocional positivo com a leitura.

Em outra atividade desenvolvida na classe hospitalar, as crianças foram convidadas a escrever palavras ou frases sobre o que "Ler é" ou "Ouvir histórias é". Nessa atividade, foi possível observar uma rica diversidade de frases, palavras e sentimentos expressos pelas crianças sobre a leitura, como: "Ler é legal", "Ler é conhecimento", "Ler é bom", "Ler é alegria", "Ler é diversão", "Ler é felicidade", "Ler é interessante", "Ler é aprender", "Ler é amor", "Ler é sobre ficar encantado", "Ler é interpretar", "Ler é especial", entre outras. Além disso, outras frases que também surgiram no mural foram: "Eu me sinto bem", "Ler é descobrir coisas novas", "Saber ler mais", "Interpretar...", evidenciando que as crianças veem a leitura como uma atividade prazerosa e enriquecedora. As fotos dessa atividade e de outras realizadas estão no Apêndice D.

Outro ponto que vale ressaltar é a diversidade de atividades que a leitura pode proporcionar no contexto hospitalar. As atividades podem envolver diferentes formas de expressão, como a interpretação, o desenho, a pintura, a reescrita da história e até

mesmo o simples ato de ouvir uma história. Essas variadas abordagens permitem que a criança conecte-se de diferentes maneiras com a narrativa, promovendo não apenas o aprendizado, mas também o prazer e a criatividade.

Como mencionado pelas próprias crianças, "ler é aprender", "ler é estudar", "ler é interpretar", demonstrando que, para elas, a leitura é um processo ativo e multifacetado, que vai além do simples ato de decifrar palavras. Mesmo sendo considerada, em muitos momentos, uma atividade mais recreativa do que educativa, a leitura consegue integrar essas duas dimensões, como evidenciado no levantamento de opiniões das estudantes de Estágio III, que, ao responderem à questão "Como você avalia o papel da leitura no desenvolvimento escolar das crianças internadas?", apresentaram um empate nas respostas entre "Mantém o interesse pelo aprendizado" e "É mais recreativa do que educativa". Esse empate revela que, para as crianças, a leitura é tanto uma fonte de diversão quanto uma forma de manter o interesse pelo aprendizado, conectando as duas dimensões de maneira fluida e complementar.

A leitura, portanto, desempenha um papel crucial tanto no aspecto lúdico quanto educativo do processo de recuperação das crianças hospitalizadas. Como destaca Orlandini (2005, p. 19),

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Nesse sentido, a leitura se apresenta como um instrumento poderoso que vai além do simples entretenimento. Ela enriquece a experiência da criança ao proporcionar aprendizado, conhecimento e até mesmo socialização, aspectos fundamentais, especialmente em um ambiente hospitalar.

Além disso, a importância da leitura nos primeiros anos de vida, conforme apontado por Melo (2016, p. 21), é fundamental para o desenvolvimento da criança. Segundo o autor,

a leitura é um processo de sucessivo aprendizado e, já nos primeiros anos de vida, é preciso introduzir a criança no mundo literário, no sentido de que, por meio de atividades prazerosas, ela venha adquirir intimidade com o texto e paulatinamente obtenha um diálogo com o que ouve ou com o que lê (Melo, 2016, p.21).

Essa abordagem se alinha com a proposta da classe hospitalar, que busca integrar a leitura ao processo terapêutico, oferecendo momentos de alívio emocional e, ao mesmo tempo, de desenvolvimento cognitivo.

Portanto, a leitura no contexto hospitalar não só mantém as crianças conectadas ao mundo escolar e cultural, mas também desempenha um papel vital em seu bem-estar psicológico, proporcionando momentos de prazer, criatividade e reflexão, essenciais para o enfrentamento da internação e do tratamento.

A aluna Moana, uma das primeiras pacientes com quem tive contato no leito da classe hospitalar, foi uma das participantes dessa e de outra atividade de leitura. A história que levamos para ela foi “O muro no meio do livro” de Jon Agee. Após a leitura, ela foi convidada a desenhar o que imaginava que havia do outro lado do muro, permitindo que ela se expressasse através da sua imaginação desenhando e falando.

Durante a leitura, Moana se mostrou visivelmente animada e feliz, demonstrando grande entusiasmo ao ouvir a história. Sua acompanhante também foi contagiada pela animação de Moana, mostrando um claro envolvimento com a atividade. Esse momento, de interação e imaginação é um exemplo de como a leitura pode provocar uma mudança no estado emocional das crianças, trazendo-lhes não apenas momentos de distração e alívio emocional, mas também uma experiência rica em criatividade e prazer.

No formulário criado e compartilhado com as estudantes de Estágio III, deixei um espaço para que elas relatassem suas experiências. Pude então ler um relato muito significativo de uma das estagiárias, que compartilhou um momento vivido durante o estágio no Hospital Universitário, no qual as atividades pedagógicas aconteciam nas enfermarias devido à reforma da classe hospitalar. Ela descreveu uma experiência de atendimento pedagógico com uma aluna de 4 anos, que estava passando por uma investigação sobre a perda súbita de visão. A estudante relatou:

Quando estagiei no HUPES, os atendimentos pedagógicos aconteciam nas enfermarias, já que a classe hospitalar estava em reforma. Em uma ocasião, selecionei um livro para ler e interagir com uma aluna-paciente de 4 anos, na qual investigava-se a perda súbita de visão. No momento do atendimento pedagógico, perguntei se ela gostaria de ouvir uma história. Ela concordou, e quando entreguei o livro, ela começou um processo de exploração: tocando, folheando as páginas, percebendo o formato e a textura. Antes de começar a leitura, ela já estava imaginando possibilidades para a narrativa, a partir dos primeiros elementos que apresentei a ela, como por exemplo, o título 'Nadinha de Nada', as imagens na capa, um rato e uma mala. Daí em diante, ela explorou todas as

possibilidades da sua imaginação, elaborando uma imagem do rato, a cor, o tamanho das orelhas, uma família para o personagem, uma casa, a cor da mala, a quantidade de ratos que poderiam aparecer depois. Durante a leitura, fiz várias intervenções provocando a aluna-paciente, como, por exemplo, de quem seria a mala, quem teria colocado a mala ali, que chave abriria a mala, pois na história, 'Nadinha de Nada', de Laura Erber, um rato encontra uma mala e tenta abri-la para descobrir o que havia dentro. A história segue com inúmeras tentativas do rato de abrir a mala e finaliza com a mala aberta sem 'nadinha de nada' dentro. Com essa experiência, percebo que a estudante tem noção de início, meio e fim e, embora tivesse ido e vindo, parando durante a história, feito diversas intervenções e criado novas características e personagens, ela conseguia captar os elementos básicos, como o rato e a mala. Tudo o que ela criava era a partir disso. Avalio que ela manteve o cuidado em preservar os elementos fundamentais da história, o que me convida a refletir que não deve ser o professor quem determina a validade das interpretações, mas que o estudante também precisa de autonomia para observar, experimentar, narrar e questionar para construir sentidos (Rios, Entrevista concedida via formulário online. [17 de dezembro de 2025]).

Esse relato exemplifica o poder da leitura não apenas como uma forma de entretenimento, mas como uma ferramenta de desenvolvimento cognitivo e emocional, especialmente no contexto hospitalar. A interação da criança com a história ao explorar as imagens e criar suas próprias interpretações demonstra a importância de proporcionar às crianças a oportunidade de vivenciar a leitura de maneira ativa e criativa. O envolvimento da criança com a narrativa, criando personagens e situações a partir de sua imaginação, também evidencia a capacidade de lidar com as incertezas e de criar sentidos em um momento de fragilidade, como é o caso de uma internação hospitalar.

A experiência relatada pela estagiária destaca ainda a importância de proporcionar espaço para a autonomia da criança na construção de seu próprio entendimento da história, respeitando as suas interpretações, questionamentos e processos criativos. Esse tipo de abordagem pedagógica fortalece o desenvolvimento da criança, permitindo-lhe experimentar a leitura de uma maneira mais profunda e significativa.

A partir desses relatos e vivências, fica evidente o impacto da leitura no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. Ao mencionar a personagem Ester como corajosa, Ester se inspira para enfrentar seus próprios desafios, incluindo o tratamento hospitalar. Além disso, ao descrever a leitura como uma viagem encantada, ela mostra como os livros proporcionam uma fuga para um universo paralelo, trazendo conforto e alívio em um momento de grande fragilidade emocional.

Esses relatos reforçam a importância da leitura como uma forma de descontração e enfrentamento da internação hospitalar, demonstrando como ela pode ajudar a suavizar a experiência de estar longe de casa e enfrentar o tratamento. Assim, fica claro que a prática de leitura na classe hospitalar desempenha um papel essencial no desenvolvimento integral das crianças, ajudando-as a se sentir mais motivadas, focadas e emocionalmente equilibradas, o que contribui significativamente para sua recuperação e adaptação ao ambiente hospitalar.

8.CONCLUSÃO

O relato vivido ao longo deste estudo revela como a leitura tem se mostrado uma ferramenta extremamente poderosa no contexto hospitalar, desempenhando um papel que vai além da simples transmissão de conhecimento. Em um ambiente caracterizado pela fragilidade e pela vulnerabilidade das crianças, que enfrentam a dor, o medo e a solidão da hospitalização, a literatura revela-se como um instrumento de aprendizado uma experiência emocional profunda, essencial para o bem-estar psicológico dessas crianças.

Durante o estudo, observou-se com clareza que a leitura cumpre um papel duplo: como prática pedagógica, facilitando a compreensão e o aprendizado das crianças, e como um acolhimento emocional, promovendo um espaço seguro de expressão e de autoconhecimento. Quando as crianças se entregam a uma história, elas não estão apenas absorvendo informação, mas também se permitindo viver uma experiência de acolhimento, fantasia e refúgio.

Essa complexidade na função da leitura torna-se ainda mais evidente quando observamos a forma como ela se transforma em um instrumento de escape para as emoções das crianças. Ao interagirem com as narrativas, seja por meio de contação de histórias ou de atividades relacionadas, às crianças se sentem transportadas para outros mundos e distanciam-se da realidade muitas vezes traumática da hospitalização. A literatura, assim, se configura como um meio pelo qual as crianças podem expressar seus próprios sentimentos de maneira indireta, colocando-se no lugar dos personagens e projetando suas próprias emoções e experiências em universos fictícios.

A empolgação visível nas reações das crianças ao interagir com as histórias — seja na continuidade da narrativa ou na criação de novas histórias através de desenhos — mostra como esse processo é vital para o desenvolvimento emocional das crianças, criando uma ponte entre o mundo delas e as histórias que leem ou ouvem. Esses momentos de leitura não apenas atendem à necessidade das crianças de aprenderem, mas também às suas necessidades emocionais mais profundas.

As narrativas tornam-se, assim, um veículo de resignificação de suas experiências, ajudando-as a lidar com sentimentos de medo, ansiedade e solidão que podem surgir durante a hospitalização. A leitura atua, então, como uma estratégia terapêutica eficaz, proporcionando aos pequenos pacientes uma oportunidade de

externalizar suas emoções, compreendendo-as de maneira mais lúdica e simbólica, o que facilita o processo de adaptação ao ambiente hospitalar.

Essa função da leitura como uma terapia emocional destaca-se quando observamos, por exemplo, a escolha de livros que abordam temas como o carinho e o acolhimento, como no caso do livro "*Quero Colo*". Este livro, ao tratar de um tema tão sensível quanto o desejo de afeto, ajudou muitas das crianças a se sentirem compreendidas e representadas, criando um ambiente acolhedor e emocionalmente seguro. O simples fato de se ver representada em uma história pode ser um fator decisivo para o fortalecimento emocional das crianças, fazendo com que elas sintam que suas necessidades afetivas e emocionais são legítimas e dignas de atenção.

Além disso, é interessante observar como, em uma das atividades de leitura, uma aluna sugeriu espontaneamente a ideia de escrever cartões de carinho para seus responsáveis, um gesto simples, mas extremamente significativo, que surgiu de forma natural durante o processo de leitura. Esse gesto não foi apenas uma expressão de afeto, mas também um reflexo da maneira como a literatura pode ir além da simples absorção de conteúdo acadêmico, promovendo uma troca afetiva genuína e espontânea entre as crianças e seus entes queridos. O que começou como uma atividade de leitura transformou-se em um momento de acolhimento e carinho, criando laços de afeto e reconexão emocional, um aspecto fundamental no processo de recuperação das crianças internadas.

O impacto da literatura nesse processo de ressignificação das experiências das crianças é ainda mais evidente nas falas das próprias crianças. Uma delas, ao expressar o que significava a leitura para ela, disse: "Ler é estudar, é amor", ressaltando a ideia de que a leitura não é apenas uma atividade cognitiva, mas também uma experiência emocional rica, que envolve afeto, amor e a construção de vínculos afetivos. Esse tipo de percepção sobre a leitura, em que o aprendizado e o carinho se entrelaçam, é crucial para entendermos o papel da literatura no contexto hospitalar, onde o objetivo não é apenas ensinar, mas também proporcionar um alívio emocional significativo para as crianças.

Outro aspecto importante que se destacou ao longo da vivência foi o grande vínculo que muitas das crianças estabeleceram com os gibis da *Turma da Mônica*. Esses gibis passaram a ser as histórias preferidas das crianças, que se viam representadas nos personagens e nas aventuras desses personagens tão familiares.

Ao se envolverem com esses gibis, as crianças não estavam apenas entretendo-se, mas também reconectando-se com uma parte importante de sua infância e com sentimentos de normalidade que muitas vezes se perdem no ambiente hospitalar. Essa conexão com a *Turma da Mônica* proporcionou um momento de respiro, em que as crianças podiam imaginar-se em um mundo fora do hospital, onde os problemas e as dificuldades cotidianas eram substituídos por aventuras lúdicas e alegres.

O que se observou, então, foi que a leitura não era uma mera distração. Ao contrário, ela foi um espaço de expressão e de ressignificação, permitindo que as crianças enfrentassem seus medos e sentimentos de isolamento, criando um vínculo emocional com os personagens e com as situações que viviam. Esse vínculo afetivo não se limitou às crianças, mas também envolveu os pais e outros profissionais que estavam relacionados no cuidado das crianças.

Muitos pais, ao verem seus filhos envolvidos com as histórias, compartilharam lembranças de sua própria infância e das histórias que leram quando eram crianças. Esse processo de resgate afetivo gerou uma troca emocional significativa, criando uma atmosfera de acolhimento e empatia, onde tanto crianças quanto adultos se conectaram através da leitura.

O processo de leitura, ao resgatar histórias de infância e proporcionar novos significados para as crianças, tornou-se um ponto de identificação e de pertencimento, um espaço seguro onde todos — crianças, pais e profissionais — podiam se sentir parte de algo maior do que a realidade hospitalar. A literatura foi, portanto, um elo que conectou diversas gerações, promovendo não apenas o aprendizado cognitivo, mas também a construção de uma rede de afetos e apoio mútuo.

Esse processo geracional de troca afetiva revelou a capacidade da leitura de ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço, criando um espaço compartilhado de imaginação, aprendizagem e apoio emocional.

É importante, ainda, destacar o caráter terapêutico da leitura no contexto hospitalar. As práticas observadas durante o estudo mostram que a leitura não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas também uma estratégia terapêutica que proporciona às crianças momentos de alívio e de escape, essenciais para o seu bem-estar emocional. Ao se envolverem com as histórias, as crianças conseguiam externalizar seus sentimentos de medo, solidão e tristeza, muitas vezes de forma lúdica, e lidar com a realidade hospitalar de uma maneira mais leve e construtiva.

Nesse processo, elas se apropriaram da leitura como uma ferramenta de autoconhecimento, refletindo sobre suas próprias emoções e entendendo o impacto da hospitalização em suas vidas de forma mais acessível e compreensível.

Além de sua função emocional, a leitura também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e social das crianças. O fato de a Lei nº 13.716/2018 garantir o direito à educação durante a internação hospitalar é um reflexo de como a leitura deve ser vista não apenas como uma atividade acadêmica, mas como uma prática pedagógica integral que contribui para o desenvolvimento da criança como um todo.

A legislação aborda a importância da ludicidade no processo educativo, que não se limita à diversão, mas abrange uma série de aspectos do desenvolvimento, como a expressão emocional, a criatividade e a socialização. A leitura, ao integrar esses aspectos, permite que a criança vivencie um aprendizado mais completo, que envolve tanto a sua mente quanto as suas emoções, proporcionando-lhe uma experiência mais rica e significativa durante o tempo de hospitalização.

Por fim, o impacto da leitura no contexto hospitalar é um reflexo da necessidade de um ambiente de cuidado mais humano e acolhedor, que atenda às necessidades pedagógicas, emocionais e sociais das crianças. Ao garantir o direito à leitura, não estamos apenas oferecendo um instrumento de aprendizado, mas também proporcionando um ponto de apoio emocional fundamental, criando um espaço de pertencimento, esperança e resiliência. A leitura é, assim, uma ferramenta imprescindível para a promoção da saúde integral das crianças internadas, permitindo-lhes sonhar, aprender e se expressar, mesmo em um momento tão delicado como a hospitalização.

REFERÊNCIAS

ARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONFIM, A. C. Coordenadora pedagógica da Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce. **Comunicação pessoal**, 06 de janeiro de 2025.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados**. Brasília: Ministério da Justiça, 1995.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Parecer CNE/CEB nº 4/2019** - Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar de Crianças e Jovens em Atendimento Hospitalar e Domiciliar. Brasília, 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED). **Educação e Saúde**: Diretrizes para o Atendimento Educacional nas Instituições de Saúde. Brasília, 2015.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Diário Oficial da União, Brasília, 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1996.

BRASIL. **Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar atendimento educacional a alunos da educação básica internados para tratamento de saúde. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 set. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.716, de 7 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 7 set. 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 4.186-A, de 2012**. Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde - SUS. Relator: Dep. Dr. Jorge Silva. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 4.186-A, de 2012**. Dispõe sobre a utilização da biblioterapia em ambientes hospitalares. Diário Oficial da União, Brasília, 2012.

BRASIL. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. **HUPES/UFBA inaugura novo espaço da classe hospitalar e contribui para o aprendizado de pacientes**. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hupes-ufba/comunicacao/noticias/hupes-ufba-inaugura-novo-espaco-da-classe-hospitalar-e-contribui-para-o-aprendizado-de-pacientes>. Acesso em: 6 nov. 2024.

- CALDIN, C. F. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. Santa Catarina: UICLAP, 2024.
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CONANDA). **Resolução nº 137, de 13 de julho de 2010**. Diretrizes para a implementação da pedagogia hospitalar no Brasil. Brasília, 2010.
- FERREIRA, M. C.; GUEDES, N. **Biblioterapia: abordagens e aplicações**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- GONÇALVES, A. G. **Poesia na Classe Hospitalar: texto e contexto de crianças e adolescentes hospitalizados**. 160f. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, Marília, 2001.
- GUEDES, N. **Biblioterapia: um estudo sobre o poder terapêutico da leitura**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GUEDES, N. **Biblioterapia: o uso da leitura como prática terapêutica**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2013.
- KANEMOTO, E.; PETRILLI, A. S. **Implicações do câncer da criança no processo de alfabetização**. Curitiba: Appris Editora, 2020.
- KANEMOTO, M. **A Pedagogia Hospitalar e a Educação Inclusiva**. 2. ed. São Paulo: Editora X, 2020.
- LUISE, M. R.; PETRILLI, A. C. **Hospitalização infantil: um enfoque na interação pais-filhos**. São Paulo: Editora Universitária, 1991.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.
- PEDRAZA, D. F.; ARAÚJO, E. M. N. Internações das crianças brasileiras menores de cinco anos: revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 22, n. 1, p. 15-25, 2022.
- SANTOS, B. M. **Prática da biblioterapia em centros de atenção psicossocial (CAPS): Projeto aplicado no CAPS Clarice Lispector**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.
- SILVA, E. M. **Biblioterapia e literatura infantil na autoestima da criança**. Paraná: Appris, 2023.
- SOARES, A. S. Educação da criança hospitalizada: as várias faces da pedagogia no contexto hospitalar. **Cadernos do CEDES**, v. 73. Campinas: CEDES, 2007. 364 p. 259-262.
- OLIVEIRA, L. A. G. **Pedagogia Hospitalar: Os desafios de educar**. São Paulo: Cortez, 2024.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturada no forms

1 - Qual é o seu tempo de atuação na classe hospitalar?

- Menos de 6 meses
- Entre 6 meses e 1 ano
- De 1 a 3 anos
- Mais de 3 anos

2 - Quantas crianças, em média, participam das atividades diárias na classe hospitalar?"

- Varia de 2 a 10 crianças.
- Varia de 10 a 15 crianças.
- Varia de 15 a 20 crianças.

3 - Como você avalia o papel da leitura no ambiente hospitalar?

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Não importante

4 - Você percebe mudanças no humor ou na disposição das crianças após as atividades de leitura? Se sim, como elas mudam?

5 - Quais principais benefícios você observa nas crianças após as atividades de leitura?

- Relaxamento e tranquilidade
- Redução da ansiedade
- Motivação e entusiasmo
- Concentração e foco
- Outros (especificar: _____)

6 - Além dos benefícios mencionados anteriormente, você identifica algum outro benefício da leitura na classe hospitalar

7 - Em sua opinião, de que forma a leitura ajuda as crianças a lidarem com o processo de internação e tratamento?

8 - Como você avalia o papel da leitura no desenvolvimento escolar das crianças internadas?

Mantém o interesse pelo aprendizado

Ajuda a manter habilidades escolares

É mais recreativa do que educativa

09 - Se pudesse sugerir uma melhoria para as atividades de leitura, qual seria?

Mais variedade de livros

Mais frequência de atividades

Participação de contadores de histórias

Outras (especificar: _____)

10 - Quais são os principais benefícios emocionais e psicológicos que você vê nas crianças que participam das atividades de leitura?

11 - Você gostaria de compartilhar alguma história ou experiência marcante que demonstre o impacto positivo que a leitura teve na vida de uma criança internada?

Apêndice B – Tabela de atividades e leitura desenvolvidas com as crianças e diagnóstico

TABELA DE ATIVIDADES					
DIA	NOME	IDADE	LEITURA	ATIVIDADE	DIAGNÓSTICO
01/11/2024	Aurora	06	O muro no meio do livro	Leitura e pintura da continuação da história	Poliartropatia inflamatória
01/11/2022	Moana	07	O muro no meio do livro	Leitura e pintura da continuação da história	Artrite juvenil
08/11/2024	Moana	06	Quero-colo!	Leitura e cartão para pessoa que dá colo	Artrite juvenil
08/11/2024	Cinderela	06	Quero-colo!	Leitura e cartão para pessoa que dá colo	Transtornos glomerulares e lúpus
08/11/2024	Aladim	06	Quero-colo!	Leitura e cartão para pessoa que dá colo	Neoplasia benigna
08/11/2024	Bela	13	Gibis da turma da Mônica	Leitura e pintura de mandala	Distúrbio do metabolismo e insuficiência respiratória
22/11	Mulan	06	Escovando Meus Dentes! Dawn Sirett	Leitura coletiva, jogo do corpo humano + representação da escovação e escovação.	Dor articular
22/11	Sophia	06	Escovando Meus Dentes! Dawn Sirett	Leitura coletiva, jogo do corpo humano + representação da escovação	Transtornos glomerulares e lúpus

				e escovação.	
11/12	Jasmim	8	Minhas Primeiras Histórias Disney - Carros 3	Leitura + pintura	Hipertrofia das amígdalas
11/12	Eric	8	Minhas Primeiras Histórias Disney - Carros 3	Leitura + pintura	Doença não especificada do sangue
11/12	Elsa	16	Turma da Mônica Jovem	Leitura no leito.	Síndrome do arco aórtico
11/12	Tiana	8	Alice no País das Maravilhas	Leitura de reescrita de Alice no País das Maravilhas + interpretação	Infecção bacteriana
12/12	Tiana	8	Mural	Construção do mural sobre leitura + atividade de natal	Infecção bacteriana
12/12	Mônica	8	Mural	Construção do mural sobre leitura + atividade de natal	Extravasamento de urina
12/12	Eric	8	Mural	Construção do mural sobre leitura + atividade de natal	Doença não especificada do sangue
12/12	Elsa	16	Turma da Mônica Jovem	Leitura no leito.	Síndrome do arco aórtico
19/12	Ariel	11	Mural	Construção do mural sobre leitura	Lúpus
19/12	Branca de neve	07	Mural	Construção do mural sobre leitura	Polineuropatia inflamatória

20/12	-	-	Levantamento do mural	-	-
-------	---	---	-----------------------	---	---

Apêndice C – Relato de atividades diárias fitas com alunos da classe hospitalar

	DIÁRIO
DIA	RELATO
01/11/2024	<p>Meu primeiro dia no Hospital das Clínicas foi uma experiência repleta de aprendizados significativos. A professora Luciana Palheta iniciou a manhã com uma conversa sobre o funcionamento da classe hospitalar, abordando as dinâmicas e os desafios próprios desse ambiente. Ela compartilhou comigo algumas possibilidades de trabalho pedagógico e apresentou uma das estudantes de estágio III da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que já vivenciava a prática na classe hospitalar. Juntas, discutimos minha proposta e avaliamos as potencialidades de trabalho, especialmente em relação à semana do livro, tema que estava em consonância com a atividade que elas haviam desenvolvido.</p> <p>Realizei então um mapeamento de alguns títulos disponíveis na estante da classe hospitalar, buscando obras que pudessem favorecer a interação e a imaginação das crianças. Encontrei o livro <i>Do Outro Lado do Muro</i>, de Jon Agee, que narra a história de um personagem que, ao atravessar um muro, encontra outro lado repleto de aventuras e imaginação, deixando o final aberto para que a criança imagine o que acontece. Inspirada por essa narrativa, sugeri uma atividade em que as crianças poderiam escolher entre escrever o que imaginavam existir do outro lado do muro ou criar um desenho sobre isso.</p> <p>Descemos aos leitos com a professora Luciana para avaliar a possibilidade de interação com as crianças. No entanto, constatamos que muitas delas haviam recebido alta, restando apenas algumas que, no momento, estavam dormindo ou em consulta. Em uma das visitas, atendemos Moana, uma paciente do primeiro ano. O nos apresentamos e explicamos a proposta, Moana demonstrou entusiasmo em ouvir a história, parando o desenho para se concentrar em nossa leitura. Ela revelou que sabia escrever seu nome e</p>

	<p>até leu o título da história conosco, mas preferiu que nós fizéssemos a leitura para ela.</p> <p>Após ouvir a história, Moana decidiu desenhar o que teria naquele lado do muro, representando o rinoceronte, o macaco e algumas plantas presentes na narrativa brincando. Em seguida, ela expressou o desejo de escrever uma carta para sua mãe, o que nos inspirou a considerar atividades relacionadas a cartas e escrita para as próximas semanas. Depois do atendimento a Moana, retornamos à classe hospitalar, onde atendemos Aurora, uma criança de seis anos que também estava internada há alguns dias. Aurora participou da atividade proposta com entusiasmo, lendo o livro e, em seguida, desenhando uma festa na selva, que foi sua interpretação sobre o que acontecia do outro lado do muro. A interação com ela demonstrou o quanto a prática da leitura e atividades lúdicas na classe hospitalar podem proporcionar momentos de distração e relaxamento, promovendo um afastamento temporário das preocupações com a doença e suas limitações. Segundo Guedes (2013), "a leitura e o contato com narrativas ajudam a criar momentos de fuga, oferecendo à criança hospitalizada uma maneira de expressar seus sentimentos e experimentar um mundo fora das limitações impostas pela doença" (p. 232). Além disso, a pedagogia hospitalar vai além da transmissão de conteúdo escolar e abrange o cuidado com o desenvolvimento emocional e social das crianças, criando um espaço onde elas podem se sentir acolhidas e expressar-se livremente.</p> <p>Esse primeiro contato foi essencial para confirmar que realmente estava trilhando o caminho que amava, ao testemunhar o impacto positivo que uma atividade pedagógica bem planejada pode trazer ao ambiente hospitalar.</p>
08/11/2024	<p>No meu segundo dia no Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES), conheci uma nova colega da UFBA, estagiária do estágio III e juntas, discutimos uma atividade sobre a consciência negra e sugeri o livro <i>Sulwe</i>, de Lupita Nyong'o. Iniciamos a atividade do dia com o livro <i>Quero Colo</i>, de Stela Barbieri, que fala sobre o amor e a importância dos cuidados de uma figura responsável. Moana, que estava conosco, escreveu uma cartinha para a mãe, expressando seu desejo de "querer colo". Esse momento mostrou o</p>

	<p>poder da literatura para criar conexões emocionais profundas, como destaca Guedes (2013). Atendemos também Aladim, de seis anos, que estava internado desde a noite anterior e se mostrou animado para participar. Ele escreveu uma mensagem para sua mãe e se divertiu em uma atividade de bingo de letras. Moana teve que sair para um exame, mas voltamos ao seu leito para que ela terminasse sua atividade.</p> <p>Conhecemos Bela, uma paciente de 13 anos, que estava em consulta e pediu para levar o livro para ler mais tarde. Por fim, fiz uma leitura com Cinderela, uma paciente recém-chegada, no seu leito. Ela “cochichou” pedindo ajuda para escrever o nome de sua avó, criando um momento de cumplicidade e diversão. Esses momentos na classe hospitalar não foram apenas de aprendizado, mas também de conforto emocional, mostrando o impacto positivo da leitura e das atividades lúdicas na recuperação das crianças. Experiências como essas reforçam a importância de práticas pedagógicas adaptadas ao contexto hospitalar, promovendo um ambiente acolhedor e humanizado.</p>
22/11/2024	<p>Hoje, começamos com uma visita aos leitos do hospital. Algumas crianças estavam se recuperando, enquanto outras receberam alta. Subimos para a classe hospitalar com duas crianças: uma que já estava conosco que comentou que Ciências era sua matéria favorita, e a outra, nova na classe, ainda se adaptando. Por conta disso, aproveitamos um jogo do corpo humano e combinamos com a leitura do livro <i>Escovando Meus Dentes!</i> da Dawn Sirett, sobre saúde bucal. Além da leitura, fizemos a prática da escovação com as crianças. Elas ainda levaram um kit de brinde! Ao integrar a leitura ao processo de aprendizagem sobre saúde bucal, como fizemos hoje com o livro <i>Escovando Meus Dentes!</i> da Dawn Sirett, não só proporcionamos conhecimento, mas também oferecemos um momento de descontração e conexão emocional para as crianças. A atividade de escovação prática, somada à leitura, ajuda a reforçar os ensinamentos de uma maneira lúdica e envolvente, o que facilita a compreensão e a adesão ao autocuidado, algo essencial durante a recuperação.</p>

11/12	<p>Hoje, algumas crianças internadas participaram de diferentes atividades. Algumas foram para consultas e exames, enquanto outras realizaram pintura no leito. Na classe hospitalar, Jasmim e Eric escolheram ler o livro <i>Disney Pixar Carros: Minhas Primeiras Histórias – Volume 3</i>. Eles aprenderam mais sobre o personagem e, em seguida, fizeram atividades de pintura. Tiana releu a história de <i>Alice no País das Maravilhas</i>, fez interpretação de texto, desenho e pintura relacionados à história. Além disso, todos contribuíram para o mural coletivo com os temas "Ler é" e "Ouvir histórias é".</p> <p>Os desenhos animados e filmes têm um grande impacto na leitura das crianças, principalmente quando as histórias e personagens que elas já conhecem aparecem nos livros. No caso de Jasmim e Eric, que escolheram o livro <i>Disney Pixar Carros: Minhas Primeiras Histórias – Volume 3</i>, a familiaridade com os personagens ajudou a tornar a leitura mais interessante e divertida. Ao aprender mais sobre os personagens e fazer atividades de pintura depois, eles conseguiram se envolver mais com a história, criando uma conexão entre o que assistem e o que leem.</p> <p>Da mesma forma, Tiana, ao reler <i>Alice no País das Maravilhas</i>, pôde interpretar o texto e se expressar através de desenhos e pinturas, o que a ajudou a entender melhor a história. Essas atividades fazem com que as crianças se conectem de forma mais profunda com os livros, ampliando sua compreensão e estimulando a criatividade. Assim, histórias de desenhos ou filmes podem se transformar em leituras envolventes, tornando a experiência de aprender e ler mais divertida e significativa.</p>
12/12	<p>Hoje, visitamos os leitos e levamos leituras e pinturas para as crianças que preferiram ficar no quarto. Durante a visita, Elsa, de 16 anos, que não estava subindo para a classe, animou-se ao receber gibis da <i>Turma da Mônica Jovem</i> e, pelo segundo dia seguido, demonstrou entusiasmo com a leitura. Na classe hospitalar, os alunos sugeriram uma ideia criativa: construir uma maquete com itens natalinos. Enquanto pintavam e montavam os elementos, conversamos sobre o que a leitura significava para cada um deles, suas histórias favoritas e outros temas. Essas reflexões deram origem a palavras inspiradoras, que decoraram o mural colaborativo com os temas "Ler é..." e "Ouvir histórias é...".</p>

	<p>Os gibis da <i>Turma da Mônica Jovem</i> têm um papel importante no incentivo à leitura, especialmente entre as crianças e adolescentes. No caso de Elsa, de 16 anos, que se animou ao receber os gibis, podemos ver como esses livros conseguem atrair o interesse dos jovens, tornando a leitura mais acessível e divertida.</p> <p>O fato de Elsa ter demonstrado entusiasmo com a leitura pelo segundo dia consecutivo mostra como as histórias em quadrinhos podem ser um excelente ponto de partida para engajar os leitores, principalmente aqueles que, às vezes, têm dificuldade com outros formatos de leitura. Além disso, ao conversar sobre o que a leitura significava para cada um, as crianças puderam refletir sobre suas próprias experiências e preferências literárias, o que enriquecia ainda mais a atividade.</p>
19/12	<p>Aproveitamos o dia de hoje para falar sobre leitura enquanto montamos tangram. Duas crianças subiram para participar da atividade, enquanto as demais estavam indispostas ou fazendo exames. Durante o momento, as crianças compartilharam suas experiências com a leitura, e, mais uma vez, a Turma da Mônica foi mencionada como um dos livros preferidos, primeira leitura e uma leitura divertida. Também aproveitamos a oportunidade para que as crianças falassem sobre seus sentimentos em relação a "Ler é..." e "Ouvir histórias é..."</p>
20/12	<p>Hoje, último dia de atividades na classe hospitalar antes do recesso natalino, algumas crianças receberam alta, e as três que ainda estavam no hospital não estavam bem o suficiente para participar das atividades. Por isso, deixamos a pintura livre de Natal para que, em outro momento, elas pudessem realizá-la. Aproveitei a ocasião também para fazer o levantamento de dados para o meu TCC.</p>

Apêndice D – Imagens de livros, leituras e vivências na classe hospitalar

Figura 1 - Classe hospitalar (brinquedos e jogos)



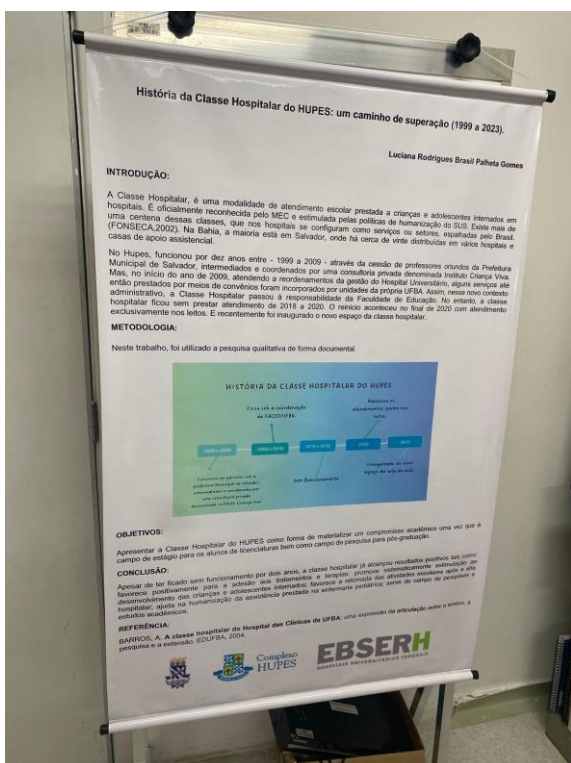
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 2 - Classe hospitalar (sala e livros)



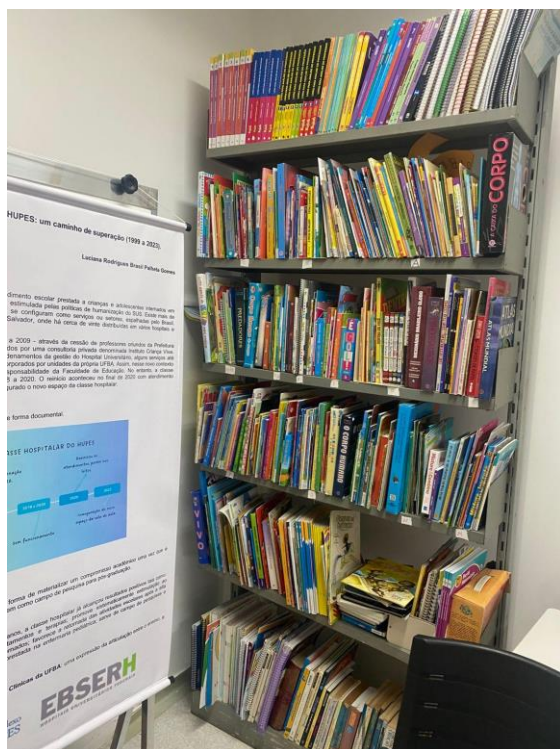
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 3 - Banner com história da classe



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 4 - Estante de livros da classe lado 1



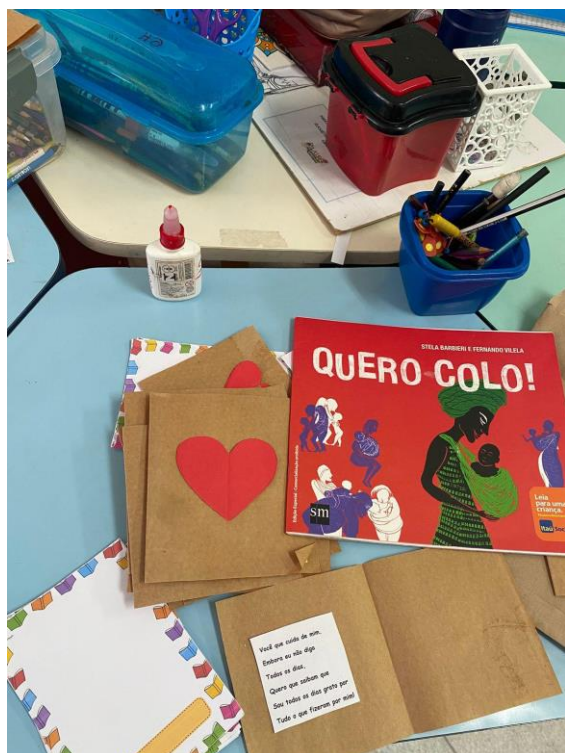
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 5 - Estante de livros da classe lado 2



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 6 - Leitura e atividade do livro “Quero colo”



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 7 - Construção da atividade (Quero colo)



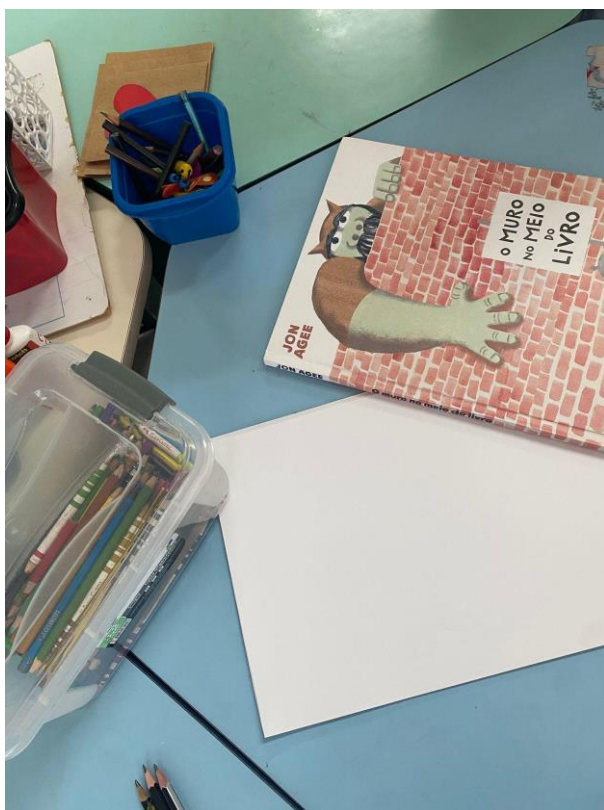
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 8 - Leitura e atividade do livro “Quero colo” no leito



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 9 - Preparativos da leitura e atividade “O muro no meio do livro”



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 10 - Paciente fazendo leitura do livro “O muro no meio do livro”



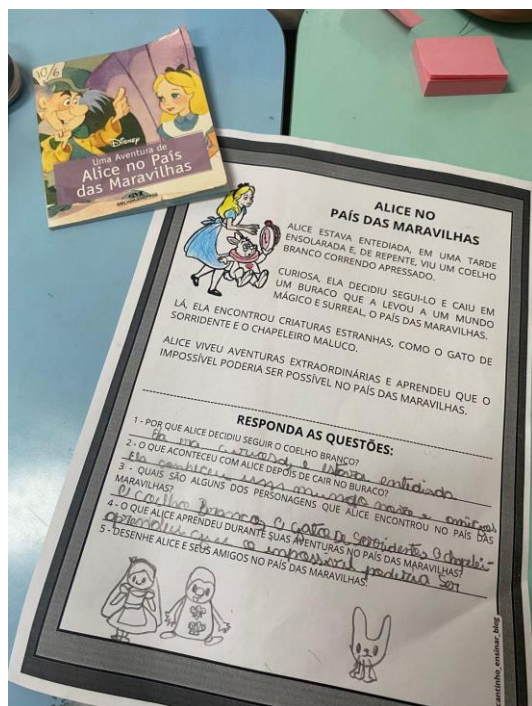
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 11 - Criança fazendo desenho do que teria do “outro lado do muro” após leitura



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 12 - Leitura e atividade do livro “Alice no país das maravilhas”



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 13 - Leitura e material da atividade de saúde bucal



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 14 - Leitura do livro “Escovando meus dentes”



Fonte: Keila Carneiro (2025)

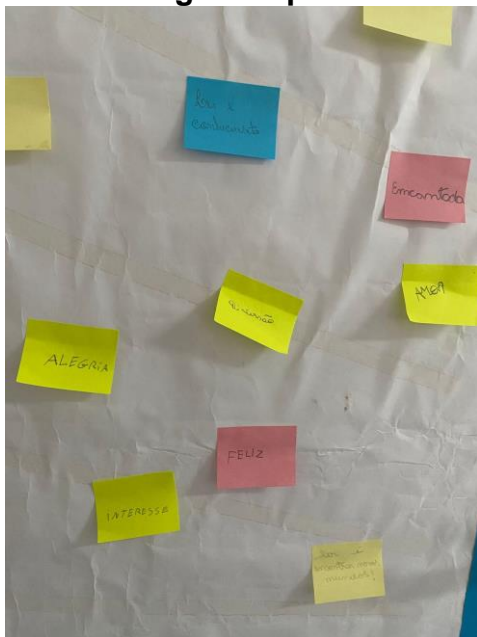
Figura 12 - Mural “Ler é”



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 13 - Falas de algumas crianças sobre o que ler e/ou ouvir

histórias significa para elas



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 14 - Leitura livre de uma paciente sobre artes



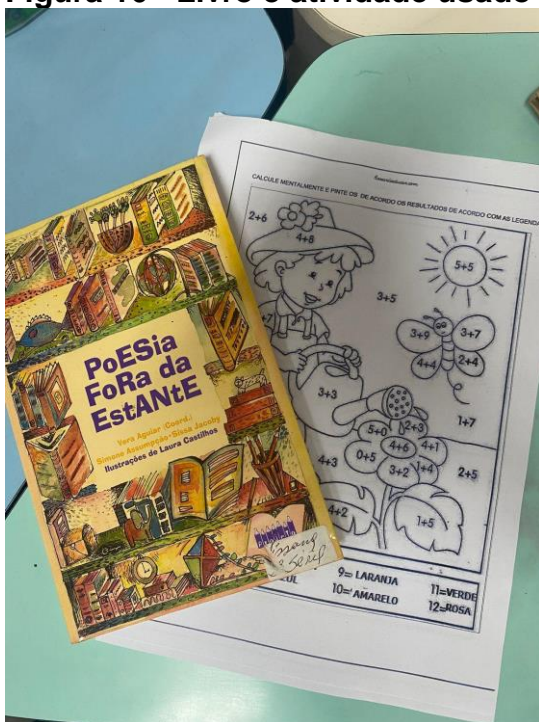
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 15 - Leitura e pintura de personagem do livro



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 16 - Livro e atividade usado do leito com paciente adolescente



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 17 - Pintura do telegram após história



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 18 - Atividade de natal



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 19 - Pintura de natal



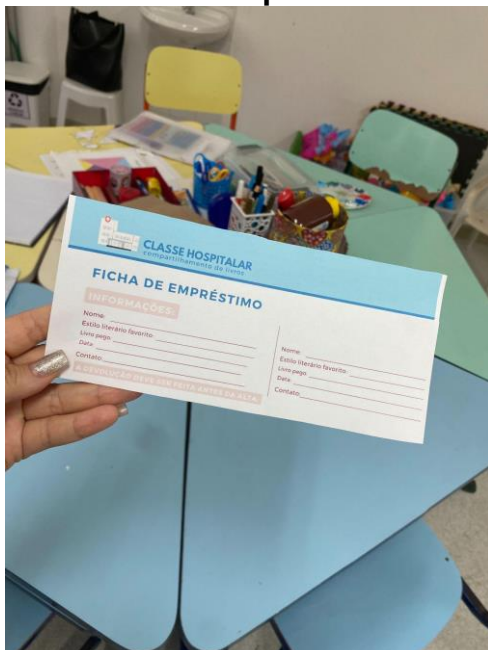
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 20 - Pintura de natal



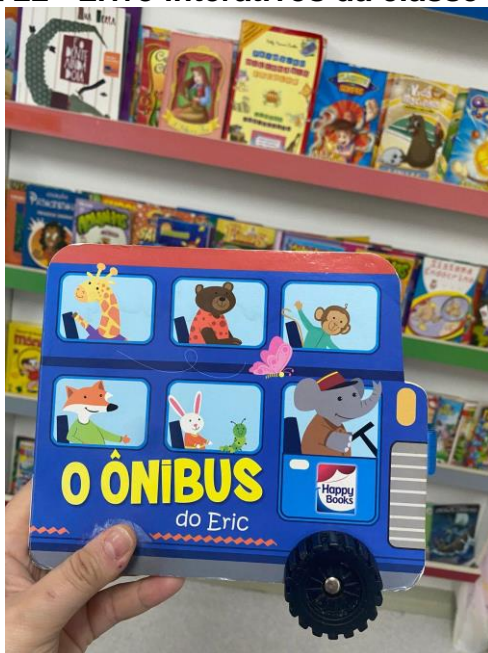
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 21 - Ficha de empréstimo da classe



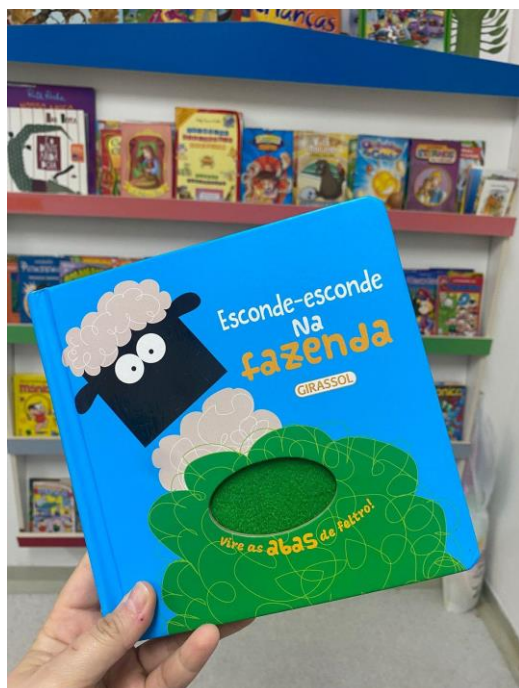
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 22 - Livro interativos da classe



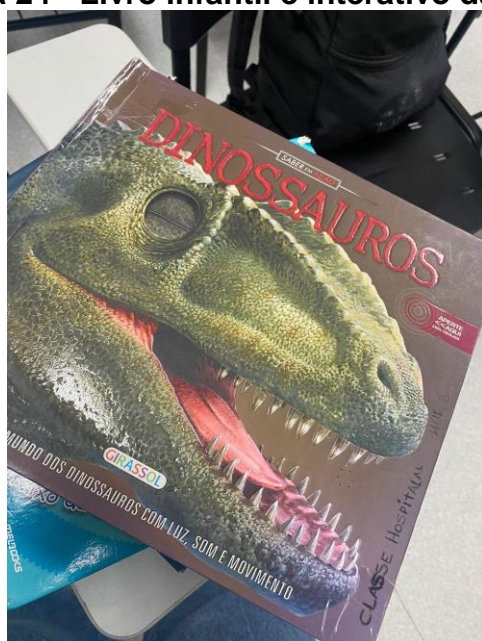
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 23 - Livro infantil e interativo da classe



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 24 - Livro infantil e interativo da classe



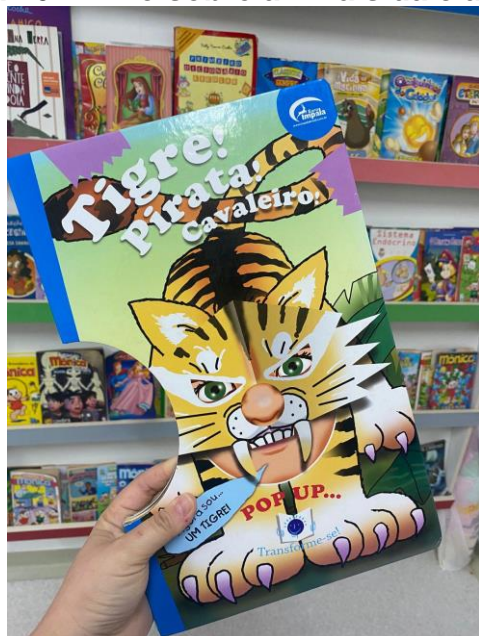
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 25 - Livro infantil e interativo da classe



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 26 - Livro sobre animais da classe



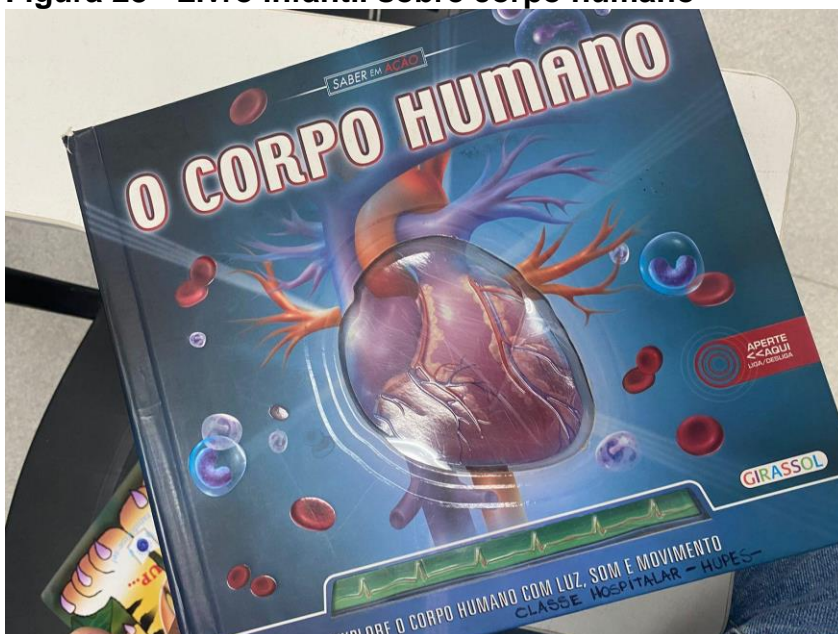
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 27 - Livro sobre animais da classe



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 28 - Livro infantil sobre corpo humano



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 29 - Livro sobre corpo humano interativo



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 30 - Livro sobre animais



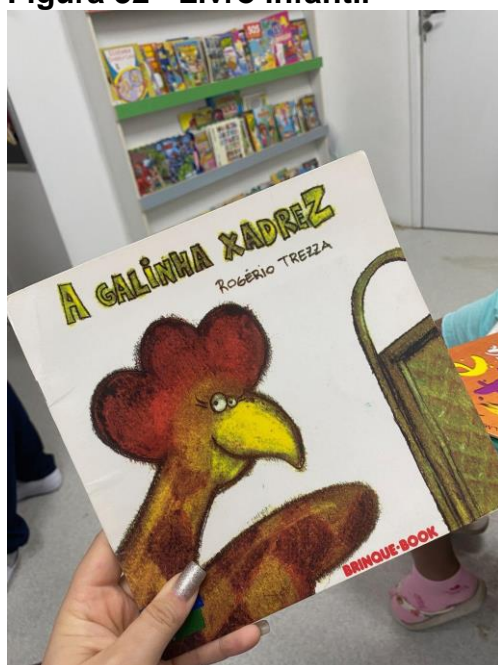
Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 31 - Livro sobre aves



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 32 - Livro infantil



Fonte: Keila Carneiro (2025)

Figura 33 - Livro sobre enfrentamento de doença infantil



Fonte: Keila Carneiro (2025)